

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa – Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterapêuticas

Joana Alvares

Narrativas infantis:

avaliação das representações mentais e dos modelos internos de funcionamento em
crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos

Orientadora:
Profa. Dra. Sílvia Pereira da Cruz Benetti

São Leopoldo, julho de 2016

JOANA ALVARES

Narrativas infantis:

avaliação das representações mentais e dos modelos internos de funcionamento em
crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos

Dissertação apresentada como exigência
parcial para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica pelo
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora:

Profa. Dra. Sílvia Pereira da Cruz Benetti

São Leopoldo, julho de 2016.

Dedico este trabalho a minha família, a maior incentivadora desta conquista acadêmica e profissional. E as crianças participantes que tornaram este estudo capaz de ser desenvolvido. Meu muito obrigado!

*“Enquanto eu tiver perguntas e não houver
respostas... continuarei a escrever.”*

Clarice Lispector

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição absoluta e relativa para sexo, série e SQD, e média, desvio padrão e amplitude para a idade por grupo	24
Tabela 2 - Média, desvio padrão e mediana para os itens do MSSB por grupo	26
Tabela 3 - Média, desvio padrão e amplitude para avaliação das representações de self positivo e negativo, e representações de vínculo positivo e negativo por grupo	57

SUMÁRIO

Resumo	8
Abstract	9
Apresentação da Dissertação	10
Artigo I – MacArthur Stem Story Battery: Narrativas Infantis como Acesso às Representações Mentais	12
Resumo	12
Abstract	12
Introdução	13
Método	18
Delineamento.....	18
Amostra	18
Instrumentos	18
Procedimentos de coleta de dados	20
Procedimentos de análise de dados	22
Procedimentos éticos	23
Resultados	23
Discussão	29
Considerações finais	35
Referências	37
Artigo II – Modelos Internos de Funcionamento, Representações de Apego e <i>Self</i> em Crianças Vítimas e não Vítimas de Maus-Tratos	42
Resumo	42
Abstract	42
Introdução	43
Método	50
Delineamento.....	50
Amostra	50
Instrumentos	51
Procedimentos de coleta de dados	52
Procedimentos de análise de dados	55
Procedimentos éticos	55
Resultados	56
Discussão	57
Considerações finais	61
Referências	62
Considerações Finais da Dissertação	68
Implicações e experiência da mestranda	68
Referências da Dissertação	70
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	78
Apêndice B – Narrativas do <i>MacArthur Stem Story Battery</i> (MSSB)	79
Apêndice C – Tabela de Codificação do <i>MacArthur Stem Story Battery</i> (MSSB)	84
Apêndice D – Tabela de avaliação das narrativas do MSSB	86

Apêndice E – Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ – Versão pais-professores)	88
--	-----------

Narrativas infantis: avaliação das representações mentais e dos modelos internos de funcionamento em crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos

Resumo

Este trabalho objetivou comparar representações mentais, modelos internos de funcionamento em crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos, considerando as representações de apego e de *self* em cada grupo, bem como apresentar o instrumento MSSB como recurso de acesso às representações internas das crianças, analisando suas propriedades psicométricas iniciais. Com a internalização das experiências iniciais e do vínculo entre criança-cuidador, modelos internos de funcionamento se desenvolvem. Esses modelos podem ser compreendidos como habilidade de representação mental, que abrange percepções infantis sobre o ambiente, de si mesmas e dos outros. Amostra composta por 90 (noventa) crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos ($M=8,0$; $DP=1,8$), sendo 30 (trinta) acolhidas institucionalmente e vítimas de maus-tratos e 60 (sessenta) não vítimas. Os instrumentos utilizados foram o SDQ e MSSB. Foram empregadas estatísticas descritivas, testes *Mann-Whitney* e ANOVA para comparação entre os grupos. Com relação aos índices do SDQ, as crianças maltratadas apresentaram classificações limítrofes ($n=14$, 46,7%) e anormais ($n=16$, 53,3%), enquanto as não maltratadas foram classificadas em nível normal ($n=60$, 100%). As representações mentais das crianças maltratadas demonstraram percepções e narrativas de cunho mais negativo quando comparadas às não maltratadas. Indicando que crianças vítimas de maus-tratos têm tendência maior a desenvolver modelos internos de funcionamento mais negativos do que as não vítimas, bem como representações de apego menos sensíveis a suas necessidades ($M=0,62$; $DP=1,16$) e representações de si mesmas negativas ou grandiosas ($M=0,29$; $DP=1,29$). Salienta-se que novos estudos sejam desenvolvidos, bem como ações preventivas para melhor avaliação de tais casos, além de apresentar o MSSB como útil recurso e ferramenta para trabalho clínico e científico.

Palavras-chave: maus-tratos, narrativas infantis, representação mental, modelos internos de funcionamento, vínculo, *self*.

Narrativas infantis:

avaliação das representações mentais e dos modelos internos de funcionamento em crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos

Abstract

This study aimed to compare mental representations, internal working models in child victims and non-victims of ill-treatment, considering the representations of attachment and self in each group, as well as presenting the MSSB instrument as access resource to internal representations of children, analyzing their initial psychometric properties. With the internalization of early experiences and the link between child-caregiver, internal working models develop. These models can be understood as mental representation ability, which covers children's perceptions of the environment, themselves and others. Sample of ninety (90) children six (6) to ten (10) years ($M=8.0$, $DP=1.8$), 30 (thirty) accepted institutionally and victims of abuse and sixty (60) not victims. The instruments used were the SDQ and MSSB. Descriptive statistics, Mann-Whitney test and ANOVA for comparison between groups were employed. Regarding the contents of the SDQ, the maltreated children had borderline ratings ($n=14$, 46.7%) and abnormal ($n = 16$, 53.3%), while non-maltreated were classified as normal ($n=60$, 100%). Mental representations of maltreated children showed perceptions and more negative slant narratives when compared to non-abused. Indicating that child victims of abuse are more likely to develop more negative internal working models than non-victims, as well as representations of attachment less sensitive to your needs ($M=0.62$, $SD=1.16$) and representations themselves negative or grandiose ($M=0.29$, $SD=1.29$). Please note that further studies are developed, as well as preventive actions to better assessment of such cases, in addition to presenting the MSSB as a useful resource and tool for clinical and scientific work.

Keywords: maltreatment, children's stories, mental representation, internal working models, bonding, *self*.

Apresentação da Dissertação

Este trabalho deriva-se de trabalhos anteriores e do nosso interesse em investigar as questões relativas à compreensão das representações internas infantis através do uso de narrativas, principalmente nos casos de maus-tratos, e ao delineamento de intervenções em saúde mental nas faixas etárias da infância e adolescência. Nesse sentido, encaixa-se no objetivo de desenvolvimento de pesquisa aplicada no âmbito da clínica psicológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, especialmente no foco da Linha de Pesquisa, Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas, essa linha de pesquisa se organiza em torno de projetos de investigação do sofrimento psíquico do sujeito, suas manifestações e possibilidades de intervenção psicoterápica, considerando tanto estudos de processos terapêuticos como de resultados dessas intervenções. Além disso, esse projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

De acordo com a Teoria do Apego, as primeiras experiências infantis são cruciais para seu desenvolvimento emocional saudável. É a partir das primeiras interações e do vínculo que se desenvolve com as figuras de cuidado que a criança passa a desenvolver percepções de si, do outro e do mundo. Essas percepções são representações mentais, que funcionam como mapa interno da criança, e regem seus pensamentos, comportamentos, sentimentos e novas interações.

Portanto, quando uma criança recebe um cuidado adequado às suas necessidades, afetivo e protetivo, ela tende a desenvolver representações mais positivas e integradas do contexto a qual se insere. Por outro lado, crianças em ambientes estressores e vulneráveis, com figuras cuidadoras inadequadas e insensíveis, as

representações que a criança irá desenvolver tem a tendência a sofrer falhas, sendo percepções mais negativas e ineficazes, como é o caso de crianças vítimas de maus-tratos.

Dessa forma, nosso interesse centra-se na possibilidade de compreender as representações infantis na sua realidade e nas suas redes de relacionamento, assim como na capacidade das crianças, que apresentam falhas significativas nas primeiras interações e na elaboração dessas representações. Considerando a relevância dos aspectos apresentados, essa dissertação foi organizada em dois artigos empíricos. O artigo I, intitulado “MacArthur Stem Story Battery: Narrativas infantis como acesso às representações mentais”, que buscou investigar as representações mentais das crianças dos dois grupos participantes de acordo com suas narrativas, bem como avaliar e apresentar o instrumento *MacArthur Stem Story Battery* (MSSB – Emde, Wolf & Oppenheim, 2003). E o artigo II, intitulado “Modelos internos de funcionamento, representações de apego e *self* em crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos”, que visou compreender a formação desses modelos internos de acordo com as narrativas das crianças participantes.

Artigo I – MacArthur Stem Story Battery: Narrativas Infantis como Acesso às Representações Mentais

Resumo

Ao longo do desenvolvimento, as crianças constroem representações mentais sobre si, sobre o mundo e sobre o outro. Essas representações funcionam como um mapa interno e são derivadas das experiências iniciais e do vínculo estabelecido com os cuidadores. Quando as figuras de vínculo não são responsivas e não atendem às necessidades da criança, essas representações sofrem um impacto, fazendo com que a criança crie suas percepções com base no ambiente na qual estava inserida. Este trabalho teve por objetivo identificar as representações mentais de crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos com base nas narrativas do MSSB, bem como avaliar as propriedades psicométricas de tal instrumento. A amostra investigada foi composta de 90 (noventa) crianças em idade escolar de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade ($M=8.0$), sendo 30 (trinta) acolhidas institucionalmente e vítimas de maus-tratos e 60 (sessenta) não vítimas. Os instrumentos utilizados foram o SDQ e MSSB. Foram empregadas estatísticas descritivas, testes de Mann-Whitney para comparação entre os grupos. Observou-se que as maltratadas apontam índices limítrofes ($n=14$, 46.7%) e anormais ($n=16$, 53.3%), enquanto as não maltratadas apresentam níveis de normalidade ($n=60$, 100%). As representações mentais das crianças vítimas de maus-tratos foram retratadas nas narrativas como mais negativas, se comparadas às não maltratadas, teores de cunho agressivo, temas morais, respostas atípicas, agressão sexualizada, poder da criança, indicando baixa regulação emocional e impulsividade frente a situações conflitantes. As figuras de cuidado foram representadas de forma mais insegura e ineficaz pelas maltratadas, enquanto as não maltratadas apresentaram figuras mais cuidadoras e afetivas. Sobre a validade do instrumento, evidencia-se que alguns itens são capazes de discriminar os grupos de forma representativa, além de apresentarem bons índices de confiabilidade. As narrativas infantis são um importante recurso para avaliação de tais casos e planejamento de intervenções terapêuticas com essas crianças. Salienta-se a importância de que novos estudos nacionais sejam desenvolvidos a fim de aprimorar técnicas válidas e para compreender as representações no âmbito da violência infantil.

Palavras-chave: representação mental, maus-tratos, narrativas infantis.

Abstract

Throughout the development, children build mental representations of themselves, about the world and about each other. These representations act as an internal map and are derived from early experiences and the bond established with the caregivers. When the attachment figures are not responsive and do not meet the child's needs, these representations suffer an impact, causing the child to create their perceptions based on the environment in which it was inserted. This study aimed to identify the mental representations of child victims and not victims of abuse based on MSSB narratives, and evaluate the psychometric properties of the instrument. The sample studied consisted of ninety (90) school children from six (6) to ten (10) years of age ($M=8.0$), 30 (thirty) accepted institutionally and victims of abuse and 60 (sixty) not victims. The

instruments used were the SDQ and MSSB. Descriptive statistics, Mann-Whitney test for comparison between groups were employed. It was observed that battered point adjacent indices (n=14, 46,7%) and abnormal (n=16, 53,3%), while the students have normal levels (n = 60, 100%). Mental representations of child victims of abuse were portrayed in the narratives as more negative compared to school, aggressive nature of content, moral issues, atypical responses, sexualized assault, child power, indicating low emotional regulation and impulsivity in situations conflicting. Caution figures were represented more insecurely and ineffective by maltreated while the school had more caregivers and affective figures. On the validity of the instrument, it is clear that some items are able to discriminate the groups representatively, in addition to having good reliability indices. The children's stories are an important resource for evaluating such cases and planning therapeutic interventions with these children. It stresses the importance that new national studies are developed in order to improve valid techniques and to understand the representations in the context of child abuse.

Keywords: mental representation, maltreatment, children's narratives.

Introdução

Ao longo do desenvolvimento, a criança constrói representações de si mesma e dos demais que influenciam como ela se percebe no mundo e o modo que se relaciona com as pessoas em seu contexto. Essas representações mentais do *self* e do outro derivam das experiências com as figuras cuidadoras, principalmente das interações no ambiente familiar, e baseiam a forma como a criança interpreta a realidade vivida e interage com ela, isso porque essas representações mentais trabalham como um mapa interno, que possibilita à criança a antecipação das respostas dos outros, que utiliza essa informação para guiar o seu comportamento, tanto no contexto familiar, como também nos diversos contextos sociais em que está inserida (Custódio & Cruz, 2008).

De acordo com Priel, Besser, Waniel, Yonas-Segal, Kuperminc (2007), o constructo representação mental está associado a conceitos pertencentes tanto à Teoria do Apego quanto da Teoria das Relações Objetais. Dessa forma, as representações de si, do outro e do ambiente derivam das experiências reais interpessoais e dos aspectos intrapsíquicos ligados à dinâmica do mundo interno infantil (Mesquita & Benetti, 2014). Nesse sentido, as representações mentais constituem um importante fator mediador das

experiências infantis e permitem conhecer e avaliar, através do seu acesso, as implicações existentes no contexto do desenvolvimento global da criança (Mendes & Sani, 2015).

Com base no interesse em identificar o aspecto representacional constituído pelas crianças em distintos contextos de desenvolvimento, diversos estudos foram realizados voltados para a identificação das representações infantis, como também para o impacto de situações de risco e vulnerabilidade nas trajetórias de desenvolvimento. Para tal, instrumentos dirigidos para a identificação das representações mentais da criança e das figuras cuidadoras, bem como das características da interação entre eles foram desenvolvidos.

Um dos instrumentos com base nesses pressupostos é o *MacArthur Story Stem Battery* (MSSB, Emde, Wolf & Oppenheim, 2003). Trata-se de um método que utiliza narrativas para investigar áreas que abrangem tanto o desenvolvimento moral quanto a expressividade emocional, comportamento pró-social, a representação parental, mecanismos defensivos, a regulação emocional (Langevin, Cossette & Hebert, 2016) e estratégias de resolução de conflitos (Emde et. al., 2003). As narrativas constituem-se de histórias-tronco, que apresentam à criança situações de dilemas morais ou de conflito, que deve continuar a narrativa visando à solução/encaminhamento da situação problema. Por essas características, as narrativas evocam o sistema representacional da criança, tanto de seu mundo social quanto de aspectos intrapsíquicos (Holmberg, Robinson, Corbitt-Price & Wiener, 2007).

Dessa maneira, os instrumentos narrativos se apresentam como uma ferramenta útil para avaliação das representações infantis, já que técnicas projetivas, como o ato de narrar, permitem uma avaliação mais compreensiva das representações mentais em vários níveis (Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay & Homberg, 2007). Assim,

o modo como a criança retrata seus personagens nas narrativas está associado às suas experiências e relacionamentos interpessoais (Oppenheim, Nir, Warren & Emde, 1997), pois ela atribui significados para essas mesmas experiências e as integra nas suas histórias de vida (Fivush, Hazzard, Sales, Sarfati & Brown, 2003; Mendes & Sani, 2015). A narrativa surge, então, como um veículo essencial para o conhecimento das construções subjetivas da criança acerca das suas experiências e interações (Emde, 2003).

A técnica narrativa do MSSB iniciou-se com base no trabalho do grupo de pesquisa organizado por Bretherton, Emde, Openheimn e Wolf, os quais se alicerçaram no trabalho já realizado com o *Attachment Story Completion Task* (ASCT, Bretherton, Ridgeway e Cassidy, 1990), que avalia o apego, e introduziram novas lâminas com temáticas relacionais e pró-sociais. Inicialmente, a técnica consistia em 30 (trinta) narrativas, que são inícios de histórias, chamadas de histórias-tronco. Porém, atualmente trabalha-se com um total de 14 (catorze) inícios narrativos, sendo que duas não são avaliadas e têm a função de introduzir e finalizar a aplicação do instrumento. Embora se tenha elaborado 14 (catorze) histórias, essas podem ser aplicadas a partir do tema que se quer estudar. Além disso, durante a aplicação, o entrevistador faz uso de uma família de bonecas para que as crianças desenvolvam e finalizem as histórias (Hodges, Steele, Hillman & Henderson, 2003). Trabalhos investigativos, utilizando-se do MSSB, têm-se valido de abordagens oriundas de aportes psicanalíticos e da Teoria do Apego, sócio-construtivistas, que resultaram em informações importantes sobre as representações de cuidado e proteção parental, e os mecanismos defensivos das crianças frente ao conflito nas relações familiares (Holmberg et al., 2007).

O instrumento MSSB tem sido amplamente utilizado na investigação das representações mentais ou modelos internos do vínculo com as figuras parentais, isso

porque permite capturar a continuidade das reações das crianças através de histórias, quando lhes é apresentado um dilema para resolução que irá revelar alguns aspectos de seu mundo interno (Emde, Wolf & Oppenheim, 2003). Dessa maneira, a técnica narrativa das histórias-troncos permite ser aplicada em diversas áreas do desenvolvimento infantil e da saúde mental, verificando as características infantis e as representações acerca da sua família e de seu contexto de relacionamentos (Franiack, Günter & Page, 2014).

Investigações comparativas entre crianças maltratadas e não maltratadas assinalam diferenças significativas, no que se refere às representações de si e das figuras de cuidado. Toth et al. (2000), utilizando o MSSB em um estudo americano com crianças vítimas de maus-tratos, observaram que o cuidado violento e negligente tem impacto na formação das representações mentais, indicando que percepções negativas de si, dos outros e do mundo foram bastante característicos nas crianças.

Waldinger, Toth e Gerber (2001), em uma pesquisa com crianças americanas de cinco anos, utilizando as histórias-tronco do MSSB, concluíram que crianças, as quais sofreram maus-tratos, demonstram com maior frequência imagens negativas de si, quando comparadas às crianças não maltratadas. Identificou-se, também, que há diferenças significativas nas representações de si mesmo (*self*) entre os diferentes tipos de maus-tratos, como, por exemplo, crianças maltratadas fisicamente apresentam menos sentimentos de bem-estar consigo e com o outro em comparação a crianças não vítimas, abusadas sexualmente ou negligenciadas.

Todavia, outros estudos não identificaram características específicas das representações em relação ao tipo de maus-tratos. Dessa forma, Benavente, Justo e Veríssimo (2009), em uma investigação com 60 (sessenta) crianças portuguesas em idade pré-escolar, verificaram que as vivências de maus-tratos estão ligadas a

representações inseguras de vínculo, não havendo diferenças significativas entre gênero e tipo de maus-tratos sofridos. Em outro estudo desenvolvido em Portugal, no âmbito das representações parentais, Sousa e Cruz (2010) analisaram o modo como as experiências dos maus-tratos estão associadas ao processo de construção dos modelos representacionais de crianças acolhidas institucionalmente. Participaram do estudo 22 (vinte e duas) crianças em idade escolar e acolhidas, que foram comparadas com crianças não acolhidas. As primeiras representavam as figuras de cuidado como menos sensíveis e responsivas às suas necessidades e desejos, além de serem caracterizadas como mais punitivas em situações de conflito.

Ao examinar as representações parentais, ainda no âmbito dos maus-tratos, Stronach et al. (2011), investigaram 92 (noventa e duas) crianças americanas em idade pré-escolar vítimas de maus-tratos e 31 (trinta e uma) crianças sem experiências maltratantes. A avaliação das narrativas do MSSB permitiu identificar que as crianças vítimas de maus-tratos tiveram menores índices de apego seguro e maiores índices de apego desorganizado do que crianças não maltratadas. As representações parentais identificaram figuras negativas e as representações de si, das crianças, associavam-se a imagens grandiosas e poderosas de si mesmas.

Observa-se, portanto, que a compreensão e a constituição das representações mentais infantis podem contribuir para ampliar o entendimento da forma que essas representações se desenvolvem e qual o impacto que as experiências de maus-tratos causam no psicológico infantil. Com base nesse interesse, verifica-se a necessidade e o aprimoramento de novos estudos e técnicas que visem a compreender e acessar tais representações. Portanto, esta pesquisa objetiva: a) identificar as representações mentais das crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos, com base nas narrativas do MSSB e, b) avaliar as propriedades psicométricas iniciais do instrumento MSSB.

Método

Delineamento

Estudo quantitativo, de caráter correlacional e exploratório (Sampieri, Collado & Lucio, 2013).

Amostra

Participaram deste estudo 90 (noventa) crianças em idade escolar (6-10 anos de idade), sendo 30 (trinta) delas em situação de acolhimento institucional, por motivo de maus-tratos e provenientes de Casas de Acolhimento Institucional da Região Metropolitana de Porto Alegre e da Serra, além de 60 (sessenta) crianças provenientes da rede municipal/estadual de ensino das mesmas regiões. Os participantes foram selecionados por conveniência pelas instituições e, posteriormente, triados para participar do estudo. Para a triagem adotou-se como critério de inclusão no estudo as 60 crianças sem maus-tratos que não apresentaram algum indicativo clínico nas respostas do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ - Fleitlich, Cartázar e Goodman, 2000).

Instrumentos

MacArthur Story Stem Battery (MSSB – Emde et al., 2003): Trata-se de um método que utiliza 14 (catorze) narrativas para estudar áreas que abrangem o desenvolvimento moral, quanto à expressividade emocional, ao comportamento pró-social, à representação parental, à agressividade, ao controle, ao temperamento, à natureza dos processos defensivos, à regulação emocional e estratégias de resolução de

conflitos (Apêndice B). Em contato pessoal com um dos autores do instrumento, foi obtido o consentimento para o uso das narrativas, bem como obtido o manual de correção Manual de Codificação do MSSB de Robinson et al. (2007). Originalmente, o instrumento MSSB foi traduzido para a Língua Portuguesa (Custódio & Cruz, 2008), bem como seu sistema classificatório. Portanto, a versão utilizada contém expressões e vocabulários similares ao português brasileiro, não tendo sido identificados problemas de compreensão das narrativas em estudo piloto anterior realizado com 9 (nove) crianças, visando à preparação do material. O Manual de Codificação do MSSB (Apêndice C) apresenta seis categorias de avaliação das narrativas: o *conteúdo dos temas*: conflitos interpessoais, da relação empática, de agressão e de temas morais; os *códigos emocionais das narrativas*: temas de perigo, segurança, destruição de objetos, o poder da criança, a reação, a separação, a esperança, a incoerência emocional, a primeira reação e o conteúdo final das narrativas; as *representações parentais*: triangulação, disciplina e controle, representação positiva (protetor, afetuoso, cuidador e ajuda) e representação negativa (punitivas, rejeição e ineficaz); os *códigos de performance*: controle, a raiva, a alegria, a angústia, o interesse, a tristeza, coerência narrativa e estilo de performance; as *estratégias de evitação*: a exclusão, repetição, negação e ruptura familiar; e os *códigos de dissociação*: fuga de assunto doloroso, identificação com agressor, propensão à fantasia, distração, absorção e material traumático. Os itens a serem avaliados, segundo o manual, têm estabelecido critérios específicos para sua pontuação, por isso alguns itens são avaliados em presentes (1) e ausentes (0) e outros avaliados de 0 a 10 (zero a dez), conforme a intensidade apresentada nas narrativas infantis. Por exemplo, o item Agressão é classificado de acordo com o tipo de agressão que é descrito pela criança nas narrativas, sendo pontuado de 0-5, quando 0 (zero) é ausente para tal categoria e 5 (cinco) representa a

intensidade mais alta de agressão e danos. A subescala dos Códigos de Atuação/Emoção também é codificada conforme a intensidade da emoção que a criança apresenta ao longo da aplicação do instrumento. No presente estudo, optou-se por uma codificação padronizada, avaliando somente a presença (1) ou ausência (0) dos itens (Apêndice D). Dessa forma, seguimos padrão já utilizado por Toth et al. (2000) e Waldinger et al. (2001) em seus trabalhos. Durante a aplicação do instrumento, utiliza-se a Família Terapêutica, com o intuito de facilitar a expressão e projeção da criança nos bonecos ao narrar as histórias.

Questionário de Capacidades e Dificuldades (Versão Pais – Professores – SDQ - Fleitlich, Cartázar e Goodman, 2000): trata-se de um questionário de triagem comportamental de crianças e adolescentes de 3 a 16 (três a dezesseis) anos de idade (Apêndice E). É composto por 25 (vinte e cinco) itens que concentram cinco escalas de investigação: problemas no comportamento pró-social, hiperatividade, problemas emocionais, de conduta e de relacionamento. Essas escalas são pontuadas de 0 a 2 (zero a dois), sendo que 0 (zero) é Falso, 1 (um) é Mais ou menos verdadeiro e 2 (dois) é verdadeiro. A pontuação total é gerada a partir da soma das escalas, exceto a de sociabilidade. O instrumento apresenta valores para alfa de Cronbach de 0,80.

Procedimentos de coleta de dados

Inicialmente o contato com as instituições participantes da pesquisa foi realizado, sendo estas uma Casa de Acolhimento da Região Metropolitana de Porto Alegre e outra na Região da Serra, além de uma Escola Estadual e/ou Municipal de Ensino Fundamental, também da Região Metropolitana de Porto Alegre e outra na Serra. Os objetivos da pesquisa foram apresentados às instituições e, a partir do aceite

destas em participar da mesma, a amostra foi selecionada por conveniência, dentro dos critérios pré-estabelecidos de inclusão e exclusão do estudo.

Na escola, a coleta dos dados foi realizada com as turmas de 1º a 4º ano. Contatamos os professores para marcação de uma reunião, visando a uma seleção e indicação prévia de crianças, as quais os mesmos avaliaram como tendo um desenvolvimento adequado à idade, um bom relacionamento familiar e cuja família dessas crianças apresentasse um envolvimento para com a escola e com as questões do filho. A partir disso, enviamos aos pais a Carta de Apresentação do estudo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice A) e o Questionário de Capacidade e Dificuldades (SDQ) para ser preenchido, solicitando a autorização para a participação das crianças na presente pesquisa. As crianças que obtiveram escores de normalidade no instrumento SDQ foram incluídas no estudo. E as crianças que, a partir do preenchimento do questionário, apresentaram escores indicativos de anormalidade, foram excluídas do estudo e uma reunião de discussão de casos foi proposta à escola, para serem realizados futuros encaminhamentos de acompanhamento de tais crianças.

Após essa etapa, as crianças foram chamadas individualmente, em local e horário adequado, para a aplicação do instrumento *MacArthur Story Stem Battery* (MSSB). A aplicação teve duração de 45 (quarenta e cinco) minutos a 1 (uma) hora, sendo realizada pela psicóloga autora do estudo e por alunos colaboradores do projeto, recrutados especificamente para essa atividade. A fim de assegurar a adequação do trabalho de coleta, um treinamento de capacitação no uso do instrumento MSSB foi desenvolvido, visando à padronização das intervenções durante a aplicação do mesmo. Esse treinamento consistiu nas seguintes etapas: (1) etapa de estudo do instrumento, (2) etapa de capacitação na aplicação, (3) etapa de avaliação das narrativas coletadas. Somente após o treinamento desses pesquisadores é que a coleta foi iniciada.

Nas Casas de Acolhimento, a partir de uma reunião com a coordenação e com os educadores da instituição para explicação do projeto, entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a seleção e indicação de crianças com casos de maus-tratos foi realizada, e o questionário SDQ foi dividido entre a equipe da casa para ser preenchido. Após, foi realizada uma análise nos prontuários das crianças, a fim de conhecer superficialmente a história de cada uma delas.

Posterior a essa etapa, uma visita para a realização de familiarização com as crianças da instituição foi agendada. E, a partir desse primeiro contato, foram marcadas as visitas para a aplicação do instrumento de forma individual, em sala e horário adequados para o trabalho. Nessas instituições, as coletas de dados foram aplicadas pela psicóloga responsável pelo estudo.

Todas as aplicações em ambas as instituições foram gravadas e, quando finalizadas, os pesquisadores registravam as principais características do comportamento das crianças durante a elaboração das narrativas e se reuniam para avaliação destas. Nesse estudo, priorizou-se o bem estar da criança ao longo da aplicação do instrumento, e reuniões de discussão de casos e resultados foram realizadas com as instituições para encaminhamento de casos em que se notou necessidade de uma avaliação mais ampla, bem como para buscar uma compreensão e qualificação maior de manejo das equipes para com as crianças acolhidas.

Procedimentos de análise de dados

Os resultados foram organizados sob a forma de estatística descritiva, sendo as variáveis categóricas através de distribuições absoluta e relativa, e as variáveis contínuas por média, desvio padrão, mediana e amplitude. A distribuição de normalidade foi verificada a partir do teste de *Kolmogorov Smirnov*. A comparação das

variáveis contínuas, entre os grupos escolar e maus-tratos, ocorreu pelos testes *t-Student* e teste de *Mann Whitney* e, quando as comparações ocorreram sobre variáveis categóricas, foram utilizados os testes Qui-Quadrado de Pearson e Exato de Fisher.

A análise de confiabilidade foi investigada pela técnica Alfa de *Cronbach*, que estuda a congruência que cada item do teste apresenta com relação ao restante dos itens do mesmo. A fidedignidade do instrumento se refere à propriedade de ser consistente e de medir com menor número de erros (Pasquali, 2003). Para tais critérios de decisão estatística, adotou-se o nível mínimo de significância de 5%.

Os dados desse estudo foram analisados através do programa *Statistical Package for Social Sciences* versão 20.0 (SPSS Inc., Chicago, IL, USA, 2010) para Windows.

Procedimentos éticos

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, e respeitou a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e CFP 010/2012, que preconiza a pesquisa com seres humanos, além de assegurar a proteção e integridade das crianças participantes.

Resultados

Os resultados desse estudo se referem a uma amostra de 90 (noventa) crianças que foram investigadas e avaliadas em dois grupos independentes: Crianças vítimas de maus-tratos (n=30, 33,3%), e Crianças não vítimas de maus-tratos (n=60, 66,7%). De acordo com a tabela I, verifica-se que o sexo masculino (Maltratados: 53,3% - Não maltratados: 57,6%) foi ligeiramente mais elevado que o feminino entre a amostra.

A média de idade foi mais elevada entre as crianças vítimas de maus-tratos (8,0±1,8), se comparada aos não maltratados (7,8±1,5), prevalecendo crianças no 4^a ano

escolar, 35,3% (n=6), no caso das maltratadas, enquanto os não maltratados cursavam o 2ª ano.

Com relação à classificação do instrumento SQD, foi detectada diferença estatística significativa ($p < 0,001$), indicando que as crianças vítimas de maus-tratos se associam às classificações limítrofe, 46,7% (n=14), e anormal, 53,3% (n=16), enquanto que com os não maltratados, a associação ocorreu com a classificação normal, 100,0% (n=60).

Tabela 1
Distribuição absoluta e relativa para sexo, série e SQD, e média, desvio padrão e amplitude para a idade por grupo

	Grupos				p
	Maltratados (n=30)		Não maltratados (n=60)		
	n	%	n	%	
Sexo					
Feminino	14	46,7	25	42,4	0,700¶
Masculino	16	53,3	34	57,6	
Idade					
Média±DP (Amplitude)	8,0±1,8 (4 – 11)		7,8±1,5 (5 – 11)		0,566¥
Ano escolar					
1,00	2	11,8	10	20,4	0,498§
2,00	5	29,4	21	42,9	
3,00	4	23,5	7	14,3	
4,00	6	35,3	11	22,4	
SQD					
Normal			60	100,0	<0,001§
Limítrofe	14	46,7			
Anormal	16	53,3			

Nota. Teste Qui-quadrado de Pearson; ¥: Teste t-Student para grupos independentes; §: Teste Exato de Fisher

Para efeito de diferenças significativas dos escores dos itens, utilizamos os testes não paramétricos de *Mann-Withney* e, através disso, foi possível comparar a pontuação dos investigados com e sem maus-tratos. Portanto, de acordo com os resultados da tabela 2 abaixo, concluiu-se que existe diferença estatisticamente significativa entre as médias dos escores obtidos em inúmeros itens, apontando para escores mais elevados no

grupo, com presença de maus-tratos ao responderem o instrumento MSSB mostrando, assim, que há evidências de que alguns itens são capazes de discriminar os dois grupos de forma representativa, neste estudo.

Tabela 2
Média, desvio padrão e mediana para os itens do MSSB por grupo

MSSB	Grupos						p \leq
	Maltratados (n=30)			Não maltratados (n=60)			
Itens	Média	Desvio padrão	Mediana	Média	Desvio padrão	Mediana	
Conflito Interpessoal							
Competição	0,90	1,21	0,50	0,37	0,84	0,00	0,010
Rivalidade/Ciúmes	0,83	1,32	0,00	0,33	0,93	0,00	0,013
Exclusão dos outros	1,93	1,53	2,00	1,47	1,32	1,00	0,190
Recusa ativa de empatia/ajuda	0,60	0,86	0,00	0,25	0,47	0,00	0,053
Conflito verbal	1,67	1,67	1,00	1,32	1,55	1,00	0,226
Resolução de conflito	11,63	3,27	13,00	12,67	0,90	13,00	0,126
Complacência	4,00	2,10	4,00	3,95	1,74	4,00	0,501
Nenhuma complacência	2,07	1,31	2,00	2,05	1,49	2,00	0,837
Vergonha	0,37	0,89	0,00	0,08	0,33	0,00	0,053
Censura	3,27	2,27	3,00	2,73	1,93	2,00	0,377
Provocando/ Insultando	0,20	0,61	0,00	0,10	0,44	0,00	0,298
Relação Empática							
Partilha/Dividindo	0,37	0,67	0,00	0,55	0,91	0,00	0,412
Empatia/Ajuda/	6,67	2,20	7,00	7,70	2,64	8,00	0,060
Confiança							
Afiliação/ Associação	2,47	1,89	2,00	2,50	2,70	2,00	0,476
Afeto	4,03	2,04	4,00	4,93	2,50	4,50	0,123
Reparação/ Culpa	0,77	1,04	0,00	0,93	1,22	1,00	0,509
Agressão Desregulada							
Agressão	1,33	2,14	0,50	0,38	0,90	0,00	0,003
Agravamento do conflito	2,50	2,11	2,00	1,22	1,32	1,00	0,001

interpessoal								
Dano/Ofensa pessoal	1,80	1,71	1,00	1,18	1,16	1,00	0,060	
Respostas atípicas	1,20	2,17	0,50	0,22	0,76	0,00	0,000	
Atividade/	0,83	1,62	0,00	0,05	0,29	0,00	0,000	
Agressão sexualizada								
Temas Morais								
Desonestidade	1,33	1,09	1,00	1,20	1,02	1,00	0,653	
Punição/Disciplina/Maturidade	2,53	2,00	2,00	2,22	1,83	2,00	0,616	
Educação/Polidez	0,77	0,97	0,50	0,82	1,32	0,00	0,677	
Códigos Emocionais das Narrativas								
Tema de perigo	2,37	2,06	2,00	1,57	1,76	1,00	0,034	
Destruição de objetos	0,40	0,50	0,00	0,75	0,79	1,00	0,038	
Poder da criança	5,07	2,41	5,00	3,87	2,05	4,00	0,023	
Representação Parental								
Positiva	Protetor	0,27	0,78	0,00	1,62	1,74	1,00	0,000
(POS)	Afetuooso	1,47	1,43	1,00	2,53	2,00	2,00	0,009
	Cuidador	4,00	2,17	4,00	6,30	2,30	6,00	0,000
	Ajuda	2,40	1,43	2,50	3,88	1,63	4,00	0,000
Negativa	Punitivas	2,10	1,83	2,00	1,42	1,43	1,00	0,092
(NEG)	Rejeição	1,23	1,72	1,00	0,57	1,11	0,00	0,029
	Ineficaz	2,83	2,45	2,00	1,03	1,43	1,00	0,000
	Disciplina/ Controle	4,43	2,49	4,50	4,30	2,01	4,00	0,876
	Triangulação	0,53	1,41	0,00	1,19	1,88	0,00	0,118
Estratégias de Esquiva								
	Exclusão de si mesmo	0,03	0,18	0,00	0,10	0,30	0,00	0,260
	Repetição	2,43	1,89	2,00	1,87	2,41	1,00	0,061
	Negação	0,80	1,21	0,00	0,37	1,06	0,00	0,010
	Recusa de empatia/ajuda passiva	0,17	0,59	0,00	0,20	0,92	0,00	0,606
	Sono repentino	0,83	1,21	1,00	0,67	1,69	0,00	0,041

Brincar fora do assunto	0,40	0,93	0,00	0,23	0,72	0,00	0,392
Ruptura familiar	0,43	0,86	0,00	0,15	0,45	0,00	0,071
Corrigindo/Revisando	1,97	2,14	1,00	1,10	1,22	1,00	0,123
Objetivos bloqueados	1,80	1,65	1,50	0,90	1,66	0,00	0,001
Códigos de Dissociação							
Material traumático	1,43	2,70	0,00	0,17	0,49	0,00	0,001
invasivo							
Propensão à fantasia	2,03	2,95	1,00	1,23	2,33	0,00	0,127
Distração	0,73	1,23	0,00	0,62	1,63	0,00	0,228
Absorção	2,00	2,29	1,00	1,95	2,73	1,00	0,464
Fuga do assunto doloroso	1,07	1,44	1,00	0,22	0,67	0,00	0,000
Identificação com o	0,37	0,96	0,00	0,02	0,13	0,00	0,007
agressor							

Nota. £: Teste de Mann Whitney

Para a análise da confiabilidade (consistência interna) do instrumento MSSB, foi calculado o Alfa de *Cronbach*, onde foram apresentadas confiabilidades classificadas como alta ($0,750 \leq \text{Alpha} \leq 0,900$) nas dimensões de Agressão Desregulada ($\text{Alpha}=0,851$) e Representação Parental - Positivas ($\text{Alpha}=0,847$); com confiabilidade moderada ($0,600 \leq \text{Alpha} < 0,750$) nas dimensões Conflitos interpessoais ($\text{Alpha}=0,640$), Representação Parental - Negativas ($\text{Alpha}=0,695$) e nos Códigos de Dissociação ($\text{Alpha}=0,671$).

Com confiabilidades baixa ($0,300 < \text{Alpha} \leq 0,600$) e muito baixa ($\text{Alpha} < 0,300$) destacaram-se as dimensões Relação Empática ($\text{Alpha}=0,235$), Códigos Emocionais das narrativas ($\text{Alpha}=0,303$) e Temas Morais ($\text{Alpha}=0,268$), apontando para um comprometimento da consistência interna sobre os fatores citados, o que se deve, em parte, ao número reduzido de itens por dimensão aliado ao tamanho amostral do estudo (Ryff & Keyes, 1995).

Discussão

O presente artigo teve como objetivo o estudo das representações mentais de crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos. A amostra foi composta de 90 (noventa) crianças com idades entre 6 e 10 (seis e dez) anos distribuídas em dois grupos, 30 (trinta) crianças com alguma vivência de maus-tratos, acolhidas institucionalmente e com algum diagnóstico clínico e, 60 (sessenta) crianças não maltratadas e sem diagnóstico clínico.

As narrativas do MSSB apresentam à criança dilemas morais ou conflitos que devem ser finalizados em uma história que envolve personagens e elementos familiares em seu cotidiano. Dessa forma, o conteúdo dos temas das histórias, os aspectos emocionais envolvidos nas situações, bem como a representação das figuras cuidadoras

evocam o mundo representacional das crianças. E, além disso, a forma como o conflito é resolvido aponta para a capacidade infantil de regular as emoções, manter uma coerência narrativa ou evitar e dissociar os assuntos problemáticos.

No que se refere às representações mentais das crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos, com base nas respostas das narrativas do instrumento MSSB, foi possível observar que o grupo de crianças com presença de maus-tratos apresentou escores mais elevados no comparativo entre as médias dos escores em inúmeros itens de avaliação do instrumento. Assim, a análise temática das narrativas indicou maior frequência de temas associados à categoria Conflito Interpessoal, que se refere a como as crianças lidam com os conflitos internos e quais recursos utilizam para dar conta de tal entre as crianças vítimas de maus-tratos. Verificou-se que se evidenciam mais características competição, rivalidade e ciúmes quando comparadas com as não maltratadas. Demais itens foram similares entre os dois grupos, indicando que todas as crianças incluíam nas narrativas situações de conflitos em relação às histórias. Entretanto, a solução dessas situações de conflito indicou que a Agressão Desregulada, situações em que as crianças utilizam comportamentos desregulados de agressividade tanto entre crianças como com relação a adultos para resolução de conflito das narrativas, foi a estratégia presente entre as crianças vítimas de maus-tratos. Teores de cunho mais agressivo, agravamento de conflito, respostas atípicas e agressão sexualizada foram mais frequentes entre as crianças maltratadas, indicando baixa regulação emocional e impulsividade frente a situações dilema.

Os aspectos emocionais nas narrativas avaliados através dos Códigos Emocionais se referem ao cunho afetivo das histórias narradas pelas crianças frente a situações conflitantes. Ficou evidente que crianças maltratadas se referiram com mais frequência a temas de perigo e poder da criança (situação em que a criança se vê

obrigada a tentar resolver um problema, de forma mágica ou grandiosa, que seria responsabilidade de um adulto). A utilização desse recurso mostra que ocorre uma inversão de papéis na percepção das crianças, indicando que um personagem adulto não assume a responsabilidade das conflitivas, fazendo com que a criança desempenhe essa função. Esse tipo de representação de cuidado do adulto tem sido identificada em pesquisas sobre a representação do cuidado parental em crianças com pais com transtorno mental (Macfie & Strimpfel, 2014) e indicam a não resposta ou a oscilação do adulto frente às demandas da criança. Nesse caso, a criança passa a exercer a função de figura cuidadora ou, nos casos de transtornos de vinculação grave, passa a não mais contar com a perspectiva de cuidado por essa figura.

Nessa direção, as representações parentais das crianças maltratadas foram mais negativas, punitivas e ineficazes. Ao contrário, as crianças não maltratadas representaram os pais como positivos e afetuosos, e assumindo um papel de cuidado e de ajuda. O estudo de Hodges et al. (2003) com crianças americanas que sofreram maus-tratos também apresentou uma alta frequência de percepção dos adultos como sendo figuras que não identificavam as necessidades ou angústias das crianças. Essas representações de vínculo estão associadas ao estilo inseguro de vinculação e, conforme Venturini, Bazon e Biasoli-Alves (2004), também há possibilidades maiores de condutas de esquiva e dificuldades em tolerar frustrações. Além disso, as autoras salientam que, nas relações entre pares, essas crianças apresentam maior agressividade e menor tolerância à frustração, o que remete às dificuldades em adquirir as “perspectivas do outro e em discriminar suas emoções para poder desenvolver um modelo de relação simétrico, baseado no sentimento de igualdade e de confiança, visto que suas experiências são caracterizadas pela exploração, submissão e violação” (Venturini et al., 2004, p. 21).

Esses resultados corroboram com muitos estudos (Waldinger et al., 2001; Grych, Wachmuth-Schlaefer & Klockow, 2002; Custódio & Cruz, 2008; Stronach et al., 2011), os quais identificaram que crianças maltratadas representam as figuras parentais como negativas e disciplinadoras nas narrativas do MSSB, notando-se que a representação negativa se associa à qualidade da interação e vinculação entre pais e filhos. Grych et al. (2002), ainda no âmbito da violência, evidenciaram crianças com menos representações positivas dos pais e mais conflitos interpessoais, bem como na pesquisa de Page e Bretherton (2003), os quais observaram que crianças com representações mais violentas dos pais tendem a desenvolver maiores problemas sociais e de comportamento do que crianças com representações positivas dos seus pais.

Quando as crianças utilizam algum recurso de defesa ao desenvolverem as histórias do MSSB, pontuamos como itens característicos nas categorias de Estratégias de Esquiva e Códigos de Dissociação. Mais uma vez, nesse estudo, as crianças maltratadas pontuaram mais em tal categoria, nos itens de negação, sono repentino, objetivos bloqueados, material traumático invasivo, fuga de assunto doloroso e identificação com o agressor. A presença desses elementos revela, segundo a literatura, que as crianças que estão em sofrimento psíquico não conseguem suportar os temas e os sentimentos conflitantes impostos pelas narrativas, optando por utilizar recursos de fuga de assunto e de realidade. Assim, quanto mais dificuldades forem encontradas no relacionamento parental, bem como a exposição dessas crianças a fatores de risco, mais estratégias de esquiva e sinais de dissociação serão utilizados pelas crianças maltratadas (Buchsbaum, Toth, Clyman, Cicchetti & Emde, 1992; Macfie, Cicchetti & Toth, 2001; Grych et al. 2002; Hodges et al., 2003).

Embora os resultados dessa pesquisa indicaram representações mentais mais negativas associadas às experiências de maus-tratos, é importante salientar que há

diferenças importantes de serem apontadas entre crianças maltratadas, visto que algumas apresentam funcionamentos distintos (internalização e externalização) e outras, inclusive, comportamentos adaptativos à sua realidade (Clyman, 2003; Cicchetti & Rogosch, 2012; Hawkins & Haskett, 2013). Exemplificando tal questão, no estudo desenvolvido por Hawkins e Haskett (2013) foi avaliada a formação das representações mentais com base na percepção da criança e dos seus cuidadores, bem como a presença de temas de conflito e afiliação em 74 (setenta e quatro) crianças vítimas de abuso físico. A avaliação indicou dois grupos clinicamente distintos quanto às representações, sendo que 62% das crianças possuíam representações positivas e constituíam um grupo que apresentava melhor ajustamento em geral. Associado a esse grupo, um fator mediador foi identificado: a capacidade regulatória das emoções nas crianças, na qual as análises indicavam que crianças com representações positivas também apresentavam uma melhor habilidade ao manejar suas emoções. Para os autores, as implicações clínicas desses achados oferecem suporte para que o desenvolvimento de intervenções com crianças vítimas de maus-tratos seja baseado nas especificidades das representações de cada criança, pois, somente assim, pode-se auxiliar no trabalho clínico de transformação de representações negativas para o reconhecimento de aspectos pessoais e dos demais com características mais positivas (Hawkins & Haskett, 2013).

Nesse sentido, com base nos resultados e na literatura apresentados nesse estudo, duas hipóteses de compreensão se evidenciam: a de Regulação Emocional infantil e a Hipótese Representacional. Ambas as estratégias, segundo os indicativos da literatura, influenciam na forma como as crianças, principalmente as vítimas de maus-tratos, retratam nas suas narrativas as interações com o ambiente e com os cuidadores (Oppenheim, 2003; Clyman, 2003; Sousa & Cruz, 2010). Dessa forma, segundo Sousa e Cruz (2010), a hipótese representacional preconiza que crianças com experiências

maltratantes têm a tendência em representar personagens em situações de conflito e tensão emocional, reproduzindo nas narrativas a dinâmica e as experiências no contexto familiar. Essas crianças tenderão a reconstruir experiências negativas e os episódios de maus-tratos de que foram vítimas (Sousa & Cruz, 2010, p. 1602). Tal questão nos permite observar que as representações mentais impactam na ordem da percepção do cuidado e proteção e na vulnerabilidade dessas forças no contexto infantil.

Por sua vez, a hipótese da regulação emocional preconiza que as crianças modificam, ou evitam retratar, determinados comportamentos dos personagens nas suas narrativas, de modo a impedir o confronto com as emoções negativas por elas despertados (Clyman, 2003). A estratégia de regulação emocional é um processo inerentemente afetivo, que pode ser particularmente notório em crianças vítimas de maus-tratos, que se veem forçadas a lidar com o comportamento agressivo ou negligente das figuras parentais (Sousa & Cruz, 2010; Hawkins & Haskett, 2013).

Foi possível notar nas narrativas das crianças maltratadas, participantes desse estudo, que uma das formas encontradas por elas para resolução, frente à ansiedade provocada pela temática e conteúdo das narrativas e pela indisponibilidade de figuras cuidadoras adequadas, era de finalizar o conflito com um final feliz, mesmo que comprometendo a coerência e a lógica do relato, tornando a finalização incoerente ao conteúdo anterior da história (negativo). Pode-se inferir, então, que a utilização desse recurso tem o objetivo de gerar alívio dos temas conflitantes.

Esse mesmo tipo de finalização da história também foi encontrado em estudos com crianças em situação de violência ou de institucionalização. Por exemplo, em um estudo comparativo de crianças vítimas de maus-tratos e não vítimas apresentou uma diferença interessante entre os grupos, sendo denominado como “mudança de bom para mau ou vice-versa”. Ou seja, a criança maltratada mostra um personagem, o

representado inicialmente como bom, mas posteriormente mudando sua percepção para mau ou vice-versa, dentro da mesma narrativa e sem nenhuma razão racional aparente para tal mudança (Hodges et al., 2003), indicando uma incoerência narrativa.

Em síntese, a avaliação cuidadosa dos elementos conflitivos das vivências traumáticas, a forma como a criança lida com essas vivências e, principalmente, as características representacionais vinculares associadas às figuras cuidadoras são etapas fundamentais para o trabalho de vítimas de maus-tratos. Nesse sentido, o instrumento MSSB mostrou características discriminatórias válidas e, portanto, constituindo-se como uma técnica importante para o trabalho com crianças em situação de vulnerabilidade. Assim, apesar da limitação amostral e da investigação das vivências traumáticas dos maus-tratos, sem especificar o tipo de violência sofrida em relação a uma possível especificidade nas narrativas, espera-se, com esse estudo, contribuir para o aprimoramento do trabalho com crianças.

Considerações finais

Esse estudo se propôs a mostrar que os instrumentos narrativos se tornam uma útil ferramenta de acesso ao mundo interno infantil, buscando uma compreensão maior sobre a formação das primeiras representações desenvolvidas pelas crianças no estabelecimento dos seus primeiros vínculos e contatos com a realidade externa. De acordo com isso, Emde et al. (2003) colocam que o trabalho clínico com crianças demonstra que, ao produzir narrativas, estas manifestam características fundamentais de seu mundo interno, incluindo os temas emocionais, os conflitos e defesas frente às situações de vida. Assim, é possível compreender que as crianças desenvolvem representações baseadas em modelos internos, que codificam as experiências com as figuras parentais e consigo mesmas, influenciando posteriormente nas histórias narradas

por elas (Clyman, 2003). Observa-se, ainda, que a partir da idade entre 4 e 5 (quatro e cinco) anos, as crianças comunicam seus modelos representacionais em narrativas válidas e eliciadas por histórias incompletas, que funcionam como dispositivos de avaliação de padrões interativos de cuidado e de relacionamento familiar (Yoo, Popp & Robinson, 2013).

Portanto, esse estudo buscou oferecer aos profissionais que trabalham com esse público, elementos e recursos para que possam ser desenvolvidos tanto ações e projetos preventivos como intervenções em tais casos, dessa forma auxiliando na observação e na identificação de áreas emocionais prejudicadas pelas experiências traumáticas vividas, como os casos de maus-tratos infantis, e que levam a criança até o acolhimento institucional inicial. Nesse sentido, compreendemos que é fundamental para a equipe de trabalho e rede de apoio o entendimento do funcionamento psíquico dessas crianças, a fim de que seja possível desenvolver diretrizes terapêuticas eficazes peculiares à individualidade e singularidade de cada caso.

Salientamos, ainda, que, apesar das vivências negativas que essas crianças vivenciaram, elas encontram-se agora em ambientes que se propõem a ofertar um acolhimento e uma continência saudável, adequada e afetiva a cada uma e, portanto, sendo expostas a uma nova realidade externa que pode ser um fator importante para que se constituam novas representações mentais internas, mais preservadas e positivas que as anteriores desenvolvidas.

Esse estudo trouxe à tona também questões relacionais entre as experiências de maus-tratos e formação de padrões representacionais que podem contribuir com informações passíveis de serem abordadas em investigações futuras, questão essa que destaca a relevância de que novos estudos nacionais sejam desenvolvidos e aprofundados nessa área, inclusive investigando comparar a constituição das

representações mentais nos diferentes tipos de maus-tratos cometidos contra crianças e adolescentes.

Referências

- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise psicológica*, 27(1), 21-31.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In Buchsbaum, H. K., Toth, S. L., Clyman, R. B., Cicchetti, D., & Emde, R.N. (1992). The use of a narrative story stem technique with maltreated children: Implications for theory and practice. *Development and Psychopathology*, 4, 603–625.
- Cicchetti, D., & Rogosch, F. A. (2012). Gene x environment interaction and resilience: Effects of child maltreatment and serotonin, corticotrophin releasing hormone, dopamine, and oxytocin genes. *Development Psychopathology*, 2(24), 411-427.
- Custódio, S., & Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das Figuras Parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405.
- Cyman, R. B. (2003). Portrayals in maltreated children's play narratives: representations or emotion regulation? In Emde, R.; Wolf, D.; & Oppenheim, D. (Edit.). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and Parent-child Narratives*. (p.201-221). New York: Oxford University Press.
- Emde R., Wolf, D., & Oppenheim, D. (2003). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives*. New York: Oxford University Press.

- Emde, R. N. (2003). Early narratives: A window to the child's inner world. In Emde R., Wolf, D., & Oppenheim, D. (2003). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives* (p.03-16). New York: Oxford University Press.
- Fivush, R., Hazzard, A., Sales, J. M., Sarfati, D., & Brown, T. (2003). Creating coherence out of chaos: Children's narratives of stressful and positive events. *Journal of Applied Cognitive Psychology, 17*, 1-19.
- Fleitlich, B., Cortazar, P. G., & Goodman, R. (2000). Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Revista Infante (de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência), 8*, 44-50.
- Franiek, M. L. C. F., Günter, M., & Page, T. (2014). Engaging Brazilian street children in play: observations of their family narratives. *Child Development Research, 1*-11.
- Grych, J. H., Wachmuth-Schalaef, T., & Klockow, L. L. (2002). Interparental aggression and young children's representations of family relationships. *Journal of family psychology, 16*(3), 259-272.
- Hawkins, A. L., & Haskett, M. E. (2014). Internal working models and adjustment of physically abused children: the mediating role of self-regulatory abilities. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 55*(2), 135-143.
- Hodges, J., Steele, M., Hillman, S., & Henderson, K. (2003). Mental representations and defenses in severely maltreated children: a story stem battery and rating system for clinical assessment and research applications. In Emde, R.; Wolf, D.; & Oppenheim, D. (Edit.). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and Parent-child Narratives*. New York : Oxford University Press, 240-267.

- Holmberg, J., Robinson, J., Corbitt-Price, J., & Wiener, P. (2007). Using narratives to assess competencies and risks in young children: experiences with high risk and normal populations. *Infant mental health journal*, 28(6), 647-666.
- Langevin, R., Cossette, L., & Hebert, M. (2016). Emotion Regulation in Sexually Abused Preschoolers. *Child Psychiatry & Human Development*, 47, 1-12.
- Macfie, J., & Strimpfel, J. M. (2014). Parenting and the Development of Borderline Personality Disorder. (p. 277-291). In: Sharp, C. et al. (Eds.). *Handbook of Borderline Personality Disorder in Children and Adolescents*. ISBN 978-1-4939-0591-1, XXI. London: Springer International Publishing.
- Macfie, J., Cicchetti, D., & Toth, S. L. (2001). The development of dissociation in maltreated preschool-aged children. *Development and Psychopathology*, 13, 233–254.
- Mendes, T. C., & Sani, A. (2015). Representações de crianças expostas à violência interparental através de provas projetivas. *Revista de Psicologia da Criança e Adolescente*, 6(1), 171-192.
- Mesquita, P. C., & Benetti, S. P. C. (2014). A representação materna de crianças com mães depressivas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 53-67.
- Müller, E., Perren, S., & Wustmann, S. C. (2014). Coherence and content of conflict-based narratives: Associations to family risk and maladjustment. *Journal of Family Psychology*, 28(5), 707-717. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0037845>
- Oppenheim, R. Emde, R. N., & Warren, S. (1997). Children's Narrative representation of mothers: their development and associations with child and mother adaption. *Child Development*, 68(1), 127-138.

- Page, T., & Bretherton, I. (2003). Gender differences in stories of violence and caring by preschool children in post-divorce families: Implications for social competence. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 20, 485–508.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Priel, B., Besser, A., Waniel, A., Yonas-Segal, M., & Kuperminc, G. (2007). Interpersonal and intrapersonal processes in the formation of maternal representations in middle childhood: review. New findings and future directions. *Israel Journal Psychiatry & Related Sciences*, 44(4), 255-265.
- Robinson, J. L., Mantz-Simmons, L., MacFie, J., Kelsay, K., & Homberg, J. (2007). *MacArthur Narrative Coding Manual*. MacArthur Narrative Working Group.
- Ryff, C. D., & Keyes, C. L. (1995). The Structure of Psychological Well-Being Revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso.
- Sousa, M. L., & Cruz, O. (2010). As narrativas das crianças institucionalizadas: a experiência dos maus-tratos e a construção dos modelos representacionais. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Universidade do Minho, Portugal, 1600-1614.
- Stronach, E. P., Toth, S. L., Rogosch, F., Oshiri, A., Manly, J. T., & Cicchetti, D. (2011). Child maltreatment, attachment security and internal representations of mother and mother-child relationships. *Child Maltreatment*, 16(2), 137-145.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., Maughan, A., VanMeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development*, 2(3), 271–305.

Venturini, F. P., Bazon, M. R., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2004). Família e Violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1, 20-33

Waldinger, R. J., Toth, S. L., & Gerber, A. (2001). Maltreatment and Internal Representations of Relationships: core relationships themes in the narratives of abuse and neglected preschoolers. *Social Development*, 10(1), 41-58.

Yoo, Y. S., Popp, J., & Robinson, J. (2013). Maternal Distress Influences Young Children's Family Representations Through Maternal View of Child Behavior and Parent-Child Interactions. *Child Psychiatry & Human Development*, 1-13.

Artigo II – Modelos Internos de Funcionamento, Representações de Apego e *Self* em Crianças Vítimas e não Vítimas de Maus-Tratos

Resumo

As experiências iniciais e o vínculo estabelecido com as figuras de cuidado são cruciais para um desenvolvimento infantil adequado. É a partir desses dois aspectos, de acordo com a Teoria do Apego, que os modelos internos de funcionamento da criança são desenvolvidos, incluindo as representações sobre o outro (vínculo), sobre si mesmo (*self*) e sobre o ambiente. Ao contrário, quando as primeiras experiências com cuidadores são falhas e vulneráveis, tais como no caso dos maus-tratos infantis, os modelos e representações internas da criança sofrem impacto e se modificam de acordo com a realidade da criança. Portanto, este estudo objetivou comparar os modelos internos de funcionamento de crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos. Participaram 90 (noventa) crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade ($M=8.0$), sendo 30 (trinta) em situação de acolhimento institucional em função de maus-tratos e 60 (sessenta) crianças não vítimas provenientes da rede escolar de ensino fundamental. Os instrumentos utilizados: SDQ e o MSSB. Os dados foram analisados de acordo com as estatísticas descritivas e com teste não paramétrico ANOVA para comparação entre os grupos. Os resultados apontam que crianças vítimas de maus-tratos apresentam modelos internos de funcionamentos mais negativos do que as não vítimas, bem como representações de apego menos sensíveis e afetivas a suas necessidades e representações de si negativas ou grandiosas. Conclui-se que experiências de maus-tratos se apresentam, na maior parte das narrativas infantis, como representações da realidade vivida, ou seja, como negativas. Inferimos que um olhar direcionado sobre essas crianças possibilitaria uma compreensão ainda maior sobre seu funcionamento interno. Portanto, torna-se relevante planejar e intervir de forma terapêutica em tais casos, além de salientar a importância da elaboração de novos estudos direcionados a esses aspectos do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: maus-tratos, narrativas infantis, modelos internos de funcionamento, vínculo e *self*.

Abstract

Initial experiments and the link established with the care figures are crucial for proper child development. It is from these two aspects, according to Attachment Theory, that the child's internal working models are developed, including the representations of the other (attachment) about themselves (*self*) and the environment. On the contrary, when the first experiences with caregivers are flawed and vulnerable, such as in the case of child abuse, models and internal representations of children suffer impact and change according to the child's reality. Therefore, this study aimed to compare the internal working models of child victims and not victims of abuse. Participated ninety (90) children six (6) to ten (10) years of age ($M=8.0$), 30 (thirty) in residential care situation because of ill-treatment and sixty (60) children not victims from the school system of primary education. Instruments used: SDQ and MSSB. Data were analyzed according to descriptive statistics and nonparametric ANOVA for comparison between groups. The

results show that children who are victims of abuse have internal models more negative runs than non-victims, as well as representations of attachment less sensitive and affectionate to their needs and representations of themselves negative or grandiose. It follows that abuse experiments are presented in most children stories, as representations of reality experienced, or as negative. We infer that directed a look on these kids would enable a greater understanding of its inner workings. Therefore, it is important to plan and intervene therapeutically in such cases, in addition to stress the importance of developing new studies directed at these aspects of child development.

Keywords: maltreatment, children's narratives, internal working models, attachment and *self*.

Introdução

As experiências com os cuidadores na infância são fundamentais para o desenvolvimento emocional saudável do indivíduo (Ainsworth, 1969; Bowlby, 1969; Bretherton, 1992; Stein, Siefert, Stewartd & Hilsenroth, 2010). Além disso, influenciam a forma como as crianças representam essas experiências o ambiente e a própria forma como elas se percebem, determinando, em consequência, a constituição dos padrões de relacionamento infantil.

Diversas abordagens teóricas têm contribuído para a compreensão do processo e da dinâmica dos elementos envolvidos na relação entre criança e cuidador, enfatizando aspectos intrapsíquicos, cognitivos e comportamentais no desenvolvimento do vínculo criança-cuidador. Uma das importantes contribuições para o tema refere-se aos aportes da Teoria do Apego, iniciada pelos trabalhos de John Bowlby, psiquiatra infantil e psicanalista. A partir de observações sobre o cuidado inadequado na primeira infância e a ansiedade de separação de crianças pequenas, Bowlby se propôs a avaliar os efeitos do cuidado materno nos seus primeiros anos de vida infantil.

Conceitualmente, as contribuições iniciais de Bowlby foram desenvolvidas com base nos campos da psicanálise, da biologia, da etologia e da psicologia do desenvolvimento infantil (Bowlby, 1989; Bretherton, 1992). O comportamento de

apego infantil é um mecanismo básico dos seres humanos e biologicamente programado, tal como os mecanismos de alimentação e de sexualidade (Bowlby, 1989; Dalbem & Dell’Aglío, 2005), sendo conceituado por Bowlby (1989, p. 38) como qualquer modo de comportamento que a criança realiza para alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, resultando desse contato numa segurança maior para lidar com o mundo. Portanto, para Bowlby (1984b), o apego da criança desenvolvido com seu cuidador é instaurado por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam tal proximidade. E, com o passar do tempo, um vínculo afetivo verdadeiro e saudável começa a se desenvolver, garantindo o desenvolvimento de capacidades cognitivas e emocionais da criança (Bowlby, 1989). É a partir dessa relação que a criança formará uma “base segura”, que lhe possibilitará a exploração do resto do mundo (Bowlby, 1979).

Entretanto, o estilo de apego estabelecido entre a mãe e a criança vai estar diretamente relacionado com o cuidado que a mãe desempenha, resultando da capacidade parental de proporcionar a satisfação das necessidades da criança. Com base nisso, Ainsworth (1989), seguidora dos trabalhos de Bowlby, identificou estilos de apego entre a criança e o cuidador, que se diferenciavam em apego seguro, apego ansioso/ambivalente e apego ansioso/evitativo. Nesse sentido, crianças que recebem cuidados sensíveis às suas necessidades, provavelmente constituirão uma base mais segura de apego. Crianças seguramente apegadas apresentam maior facilidade de explorar o ambiente e de interagir com estranhos e, quando em situações de estresse, facilmente sentem-se confortadas e acolhidas pelo cuidador (Bretherton, 1992). Ao contrário, crianças com estilo de apego ansioso/ambivalente têm dificuldade frente a separações e aceitação de conforto pelo cuidador, muitas vezes agindo de forma resistente frente a expressões de acolhimento parental, demonstrando-se bastante

angustiadas ao explorar ou interagir com o ambiente. Já as crianças evitativas rejeitam ou ignoram o contato e cuidado do cuidador, não expressam muitas tonalidades emocionais e também apresentam dificuldades em explorar o ambiente. Por outro lado, crianças que vivem em situações de vulnerabilidade, com cuidados abusivos, violentos e negligentes, têm tendência a formar comportamentos de apego desorganizados e inseguros, quarto tipo de apego proposto por Mary Main, colega de pesquisa de Ainsworth e seguidora de Bowlby (Bretherton, 1992). Tais crianças apresentam estruturas de modelos negativos de si, percebendo o outro como figuras de rejeição e não confiáveis (Stronach et al., 2011).

Além do desenvolvimento do comportamento de apego, a teoria também destaca o aspecto representacional resultante dos vínculos iniciais. Bowlby ressaltou que, como resultado da internalização das experiências iniciais e do vínculo estabelecido entre a criança e o cuidador, desenvolvem-se os modelos internos de funcionamento (Bowlby, 1984a). Esses modelos gradativamente se estabelecem como estruturas cognitivas e afetivas que irão influenciar no comportamento posterior de cada indivíduo, principalmente no que se refere à dimensão relacional (Manashko, Besser & Priel, 2009). Dessa forma, as interações no contexto familiar e a qualidade do vínculo mãe-bebê formarão a base para a construção das representações que afetam a forma como a criança interpreta e interage com a realidade, no desenvolvimento da sua autoestima, da autoconfiança e da sua sociabilidade (Ainsworth, 1969). Assim, o aspecto representacional dos vínculos iniciais, com base nas interações estabelecidas com os cuidadores, irá determinar os modelos internos de funcionamento, associados aos estilos de apego (Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Custódio & Cruz, 2008; Waldinger, Toth & Gerber, 2001; Pontes, Silva, Garotti & Magalhães, 2007; Hawkins & Haskett, 2013).

Nesse sentido, Bowlby (1989) postula que os modelos internos de funcionamento são “uma organização psicológica interna, com certo número de traços altamente específicos, que incluem modelos representativos do *self* e das figuras de apego” (p. 41). Esses modelos são uma habilidade de representação mental que vai ser construída ao longo do desenvolvimento da criança (Dalbem & Dell’Aglío, 2005). E o modo como a criança é cuidada vai influenciar no desenvolvimento do modelo representacional do contexto em que está inserida e na constituição do modelo interno sobre si mesma (*self*), funcionando como um “mapa interno” que continua em evolução durante todo o ciclo vital (Dalbem & Dell’Aglío, 2005; Custódio & Cruz, 2008; Sherman, Rice e Cassidy, 2015). Além disso, os modelos internos de funcionamento, as representações de *self* e de apego constituem bases para a regulação emocional e comportamental, atuando como modelos de percepção de si e dos outros e, sobretudo, influenciando nas relações interpessoais, na interpretação da realidade e na interação com ela (Custódio & Cruz, 2008; Silva et al., 2008; Zanatta & Benetti, 2012).

Assim, estudos com a finalidade de analisar e compreender o desenvolvimento do apego, os modelos internos de funcionamento e de *self* em crianças inseridas nos mais diversos contextos foram desenvolvidos, tais como em situação de acolhimento institucional, vítimas de maus-tratos, abandono, portadores de doenças crônicas, em idade escolar e pré-escolar, entre outros (Toth et al., 2000; Waldinger, Toth & Gerber, 2001; Popp et al., 2014). Conforme Waldinger et al., examinar elos entre os maus-tratos, os modelos representacionais e os modelos internos de funcionamento por crianças maltratadas pode contribuir para a compreensão de como essas representações e como os modelos internalizados se desenvolvem, assim como também para avaliar a seqüela psicológica do maltrato para a criança.

Pesquisas comparativas entre crianças maltratadas e não maltratadas assinalam diferenças significativas no que se refere às representações de si e das figuras de apego, corroborando com as contribuições da Teoria do Apego. A partir disso infere-se que as vivências de maus-tratos podem influenciar na constituição e na representação de si, dos cuidadores e do ambiente, tornando a percepção das crianças acerca de tais experiências no contexto familiar um importante mediador do seu desenvolvimento social e emocional (Clyman, 2003). Toth et al. (2000), num estudo americano com 93 (noventa e três) crianças, sendo 56 (cinquenta e seis) vítimas de maus-tratos e 37 (trinta e sete) não vítimas, observou que o cuidado violento e negligente tem impacto na formação dos modelos internos de funcionamento. Indo além, Waldinger et al. (2001) procuram identificar diferenças mais específicas nas representações de si e do outro em crianças americanas de cinco anos em relação ao tipo de maus-tratos vivenciado. Os resultados demonstraram com maior frequência que os participantes com vivências maltratantes apresentam imagens mais negativas de si do que as crianças não maltratadas.

Outra dimensão importante de ser avaliada são as representações das figuras parentais. No âmbito da violência infantil, um estudo comparativo de Grych, Wachmuth-Schlaefler e Klockow (2002) apontou que crianças maltratadas apresentam menos representações positivas dos pais e mais conflitos interpessoais. Nessa direção, Sousa e Cruz (2010), em uma investigação com 22 (vinte e duas) crianças portuguesas em idade escolar e em situação de acolhimento institucional, propuseram-se a analisar o modo como as experiências de maus-tratos se associam ao processo de construção dos modelos representacionais do outro (apego) em comparação a crianças não institucionalizadas. Os resultados evidenciaram que as primeiras representavam as figuras de cuidado como menos sensíveis e responsivas às suas necessidades, além de caracterizadas como punitivas e agressivas em situações de conflito.

Ainda no âmbito de maus-tratos e das representações parentais, Stronach et al. (2011) investigaram 92 (noventa e duas) crianças em idade pré-escolar vítimas de maus-tratos e 31 (trinta e uma) crianças sem experiência de maus-tratos com base nas respostas das narrativas do MSSB. As percepções de cuidado e vínculo com relação às figuras parentais foram identificadas como figuras negativas, evidenciando que as crianças maltratadas apresentaram maiores índices de apego desorganizado e índices menores de apego seguro do que as não maltratadas. Nesse estudo, foi possível ainda identificar que as representações do *self* das crianças estavam associadas a imagens mais grandiosas de si mesmas. Esse resultado anterior se associa a um estudo com nove crianças portuguesas, desenvolvido por Mendes e Sani (2015), que tinham em comum a experiência de situações de risco e a violência interparental, os quais descrevem que as crianças têm a tendência a reproduzir histórias e episódios de violência física e emocional, além de não fazerem referência a momentos de união e afeto familiar, narrando tonalidades negativas quanto às emoções e sentimentos consigo e o com o ambiente.

Um estudo nacional comparativo realizado entre crianças de ruas sem contato familiar, crianças com vínculo familiar em situações de pobreza e crianças com vínculo de famílias não empobrecidas (Franiack, Günter & Page, 2014) propôs-se a compreender as representações de família através das narrativas do MSSB. Diferenças significativas foram observadas pelos autores do estudo entre os grupos de crianças. As que vivem com suas famílias e não são empobrecidas tendiam a retratar a boneca criança como ativamente envolvida no conflito, bem como em tomar conta da situação, exibindo um papel parental. As crianças que vivem com suas famílias em situação de pobreza e as crianças de rua tendem a retratar seus personagens infantis de forma diferenciada, caracterizado por um envolvimento mais restrito com os pais e focado na

resolução do conflito, e suas narrativas também se apresentam muitas vezes emocionalmente carregadas. Observa-se, ainda, que as crianças de rua possuem maior tendência a retratar menor dependência dos pais e mais confiança em si mesmas.

No que se refere às representações de si (*self*), de apego e de família, Machado (2013) explorou diferenças e semelhanças entre crianças em risco e crianças em situação familiar normativa, com base nesses níveis de avaliação. A partir das histórias do MSSB, o estudo evidencia que as representações de família e de apego nas crianças em risco são marcadas por representações negativas, de distanciamento familiar e maior prevalência de indicadores de vinculação insegura, onde temas de conflito interpessoal, agressividade e perigo foram mais evidentes. As representações de *self* no grupo normativo foram apresentadas como positivas, assim como para maiores indicadores de vinculação segura no ambiente familiar e com as figuras de apego. Nas crianças em situação de risco, observou-se ainda representação positiva de grupo/bando, onde criança protege criança, demonstrando ambiguidade nas representações de *self*, que ora são mais integradas e positivas, ora são mais negativas.

Ainda focalizando compreender a relação entre o vínculo parental e o modelo interno de funcionamento do *self*, um estudo com 70 (setenta) crianças portuguesas em idade pré-escolar identificou que há relação entre as representações de apego e a organização dos modelos internos do *self*. Assim, crianças com modelo de vinculação mais seguro demonstraram possuir modelos internos de *self* mais positivos (Pinto, Gatinho, Silva, Veríssimo & Santos, 2013).

Em todas as situações de vulnerabilidade retratadas nos estudos acima citados, as características das representações das figuras parentais indicavam que as vivências traumáticas estão associadas tanto a conteúdos negativos acerca do cuidado e proteção parental quanto à própria representação da criança. A partir desses achados empíricos,

verifica-se a necessidade de um maior número de pesquisas sobre a percepção da criança acerca de si e dos cuidadores, principalmente para embasar o desenvolvimento de intervenções fundamentadas dirigidas a esses grupos. Nesse sentido, este estudo objetiva comparar os modelos internos de funcionamento, as representações de apego e de *self* em crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos.

Método

Delineamento

Estudo quantitativo, de caráter correlacional e exploratório (Sampieri, Collado & Lucio, 2013).

Amostra

Participaram desse estudo 90 (noventa) crianças em idade escolar (6 (seis) - 10 (dez) anos de idade), sendo que 30 (trinta) delas se encontravam em situação de acolhimento institucional por motivo de maus-tratos e provenientes de Casas de Acolhimento Institucional da Região Metropolitana de Porto Alegre e da Serra, além de 60 (sessenta) crianças provenientes da rede municipal/estadual de ensino das mesmas regiões. Os participantes foram selecionados por conveniência e, posteriormente, triados para participar do estudo. Para a triagem adotou-se como critério de inclusão no estudo as 60 crianças sem maus-tratos que não apresentaram algum indicativo clínico nas respostas do Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ - Fleitlich, Cartázar e Goodman, 2000).

Instrumentos

MacArthur Story Stem Battery (MSSB – Emde, Wolf, Oppenheim, 2003): Trata-se de um método que utiliza 14 (catorze) narrativas para estudar áreas que abrangem o desenvolvimento moral, quanto à expressividade emocional, ao comportamento pró-social, à representação parental, à agressividade, ao controle, ao temperamento, à natureza dos processos defensivos, à regulação emocional e estratégias de resolução de conflitos (Apêndice B). Em contato pessoal com um dos autores do instrumento, foi obtido o consentimento para o uso das narrativas, bem como o manual de correção Manual de Codificação do MSSB de Robinson, Mantz-Simmons, MacFie, Kelsay e Holmberg (2007). Originalmente, o instrumento MSSB foi traduzido, bem como seu sistema classificatório, para a Língua Portuguesa (Custódio & Cruz, 2008). Portanto, a versão utilizada contém expressões e vocabulários similares ao português brasileiro, não tendo sido identificados problemas de compreensão das narrativas em estudo piloto anterior realizado com 9 (nove) crianças, visando à preparação do material. O Manual de Codificação do MSSB (Apêndice C) apresenta seis categorias de avaliação das narrativas: o *conteúdo dos temas*: conflitos interpessoais, da relação empática, de agressão e de temas morais; os *códigos emocionais das narrativas*: temas de perigo, segurança, destruição de objetos, o poder da criança, a reação, a separação, a esperança, a incoerência emocional, a primeira reação e o conteúdo final das narrativas; as *representações parentais*: triangulação, disciplina e controle, representação positiva (protetor, afetuoso, cuidador e ajuda) e representação negativa (punitivas, rejeição e ineficaz); os *códigos de performance*: controle, a raiva, a alegria, a angústia, o interesse, a tristeza, coerência narrativa e estilo de performance; as *estratégias de evitação*: a exclusão, repetição, negação e ruptura familiar; e os *códigos de dissociação*: fuga de assunto doloroso, identificação com agressor, propensão à fantasia, distração, absorção

e material traumático. Os itens a serem avaliados, segundo o manual, têm estabelecidos critérios específicos para sua *pontuação*, por isso alguns itens são avaliados em presentes (1) e ausentes (0) e outros avaliados de 0 (zero) a 10 (dez), conforme a intensidade apresentada nas narrativas infantis. Por exemplo, o item Agressão é classificado de acordo com o tipo de agressão que é descrito pela criança nas narrativas, sendo pontuado de 0-5 (zero a cinco), quando 0 (zero) é ausente para tal categoria e 5 (cinco) representa a intensidade mais alta de agressão e danos. A subescala dos Códigos de Atuação/Emoção também é codificada conforme a intensidade da emoção que a criança apresenta ao longo da aplicação do instrumento. No presente estudo, optou-se por uma codificação padronizada, avaliando somente a presença (1) ou ausência (0) dos itens (Apêndice D). Dessa forma, seguimos padrão já utilizado por Toth et al. (2000) e Waldinger et al. (2001) em seus trabalhos. Durante a aplicação do instrumento, utiliza-se a Família Terapêutica, com o intuito de facilitar a expressão e projeção da criança nos bonecos ao narrar as histórias.

Questionário de Capacidades e Dificuldades (Versão Pais – Professores – SDQ - Fleitlich, Cartázar, Goodman, 2000): trata-se de um questionário de triagem comportamental de crianças e adolescentes de 3 (três) a 16 (dezesesseis) anos de idade (Apêndice E). É composto por 25 (vinte e cinco) itens que concentram cinco escalas de investigação: problemas no comportamento pró-social, hiperatividade, problemas emocionais, de conduta e de relacionamento. Essas escalas são pontuadas de 0 (zero) a 2 (dois), sendo que 0 (zero) é Falso, 1 (um) é Mais ou menos verdadeiro e 2 (dois) é verdadeiro. A pontuação total é gerada a partir da soma das escalas, exceto a de sociabilidade. O instrumento apresenta valores para alfa de Cronbach de 0,80.

Procedimentos de coleta de dados

Inicialmente, foi realizado o contato com as instituições participantes da pesquisa, sendo essas uma Casa de Acolhimento da Região Metropolitana de Porto Alegre e outra na Região da Serra, além de uma Escola Estadual e/ou Municipal de Ensino Fundamental também da Região Metropolitana de Porto Alegre e outra na Serra. Os objetivos da pesquisa foram apresentados às instituições e, a partir do aceite dessas em participar da mesma, a amostra foi selecionada por conveniência dentro dos critérios pré-estabelecidos de inclusão e exclusão do estudo.

Na escola, a coleta dos dados foi realizada com as turmas de 1º a 4º ano. Contatamos os professores para marcação de uma reunião, visando a uma seleção e indicação prévia de crianças, as quais os mesmos avaliaram como tendo um desenvolvimento adequado à idade, um bom relacionamento familiar e cuja família apresentasse um envolvimento para com a escola e com as questões do filho. A partir disso, enviamos aos pais a Carta de Apresentação do estudo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice A) e o Questionário de Capacidade e Dificuldades (SDQ) para ser preenchido, solicitando a autorização na participação das crianças na presente pesquisa. As crianças que obtiveram escores de normalidade no instrumento SDQ foram incluídas no estudo. E as crianças que, a partir do preenchimento do questionário, apresentaram escores indicativos de anormalidade, foram excluídas do estudo, e uma reunião de discussão de casos foi proposta à escola, para serem realizados futuros encaminhamentos de acompanhamento de tais crianças.

Após essa etapa, as crianças foram chamadas individualmente, em local e horário adequado, para a aplicação do instrumento *MacArthur Story Stem Battery* (MSSB). A aplicação teve duração de 45 (quarenta e cinco) minutos a 1 (uma) hora, sendo realizada pela psicóloga autora do estudo e por alunos colaboradores do projeto, recrutados especificamente para essa atividade. A fim de assegurar a adequação do trabalho de

coleta, um treinamento de capacitação no uso do instrumento MSSB foi desenvolvido, visando à padronização das intervenções durante a aplicação do mesmo. Esse treinamento consistiu nas seguintes etapas: (1) etapa de estudo do instrumento, (2) etapa de capacitação na aplicação, (3) etapa de avaliação das narrativas coletadas. Somente após o treinamento desses pesquisadores é que a coleta foi iniciada.

Nas Casas de Acolhimento, a partir de uma reunião com a coordenação e com os educadores da instituição para explicação do projeto, entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a seleção e indicação de crianças com casos de maus-tratos foi realizada, e o questionário SDQ foi dividido entre a equipe da casa para ser preenchido. Após, foi realizada uma análise nos prontuários das crianças, a fim de conhecer superficialmente a história de cada uma delas.

Posterior a essa etapa, uma visita para a realização de familiarização com as crianças da instituição foi agendada. E, a partir desse primeiro contato, foram marcadas as visitas para a aplicação do instrumento de forma individual, em sala e horário adequados para o trabalho. Nessas instituições, as coletas de dados foram aplicadas pela psicóloga responsável pelo estudo.

As aplicações do MSSB, em ambas as instituições, foram gravadas. Quando finalizadas, os pesquisadores registravam as principais características do comportamento das crianças durante a elaboração das narrativas e, após, reuniam-se para a avaliação das narrativas. Nesse estudo, priorizou-se o bem-estar da criança ao longo da aplicação do instrumento. Reuniões de discussão de casos e resultados foram realizadas com as instituições para encaminhamento, quando se notou a necessidade de uma avaliação mais ampla, bem como para buscar uma compreensão e qualificação maior de manejo das equipes para com as crianças acolhidas.

Procedimentos de análise de dados

Para a avaliação das representações de self e de apego, dez histórias (N1/N2/N6/N7/N10/N11/N13) do MSSB, que envolviam a criança em conflitos interpessoais e de desafios emocionais no cotidiano familiar, foram selecionadas. Posteriormente, identificamos os itens do instrumento que nos permitiam avaliar as determinadas categorias de cada representação, baseando-nos nos procedimentos utilizados por Toth, Cicchetti, Macfie e Emde (1997). Para as representações de *self* positivo, os itens empatia/ajuda, complacência, afeto e associação foram selecionados, e para *self* negativo os itens foram agressão, nenhuma complacência e vergonha. As representações de apego foram avaliadas de acordo com o manual do MSSB, sendo positiva com base na pontuação da categoria representação parental positiva, e negativa a partir da categoria representação parental negativa e do item poder da criança. Os modelos internos de funcionamento foram classificados através das representações de apego e de *self* como positivos ou negativos.

Os resultados desse estudo foram analisados de acordo com a estatística descritiva, sendo as variáveis categóricas através de distribuições absoluta e relativa e as variáveis contínuas por média, desvio padrão e amplitude. Depois de calculada média e desvio padrão, adotou-se o processo de padronização dos escores das categorias a partir do cálculo do *score z* para avaliação das representações de *self* e de apego em cada grupo. Os dados desse estudo foram analisados através do programa *Statistical Package for Social Sciences* versão 20.0 (SPSS Inc., Chicago, IL, USA, 2010) para Windows.

Procedimentos éticos

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, e respeitou a Resolução 510/16

do Conselho Nacional de Saúde e CFP 010/2012, que preconiza a pesquisa com seres humanos, além de assegurada a proteção e integridade das crianças participantes.

Resultados

Os resultados dessa pesquisa se referem a uma amostragem de 90 (noventa) crianças investigadas e avaliadas em grupos distintos, 30 (trinta) delas vítimas de maus-tratos e 60 (sessenta) não vítimas em idade escolar, sendo a média de idade de 8 (oito) anos. De acordo com a classificação do questionário SQD, diferença estatística significativa foi identificada entre os participantes ($p < 0,001$), indicando que as crianças vítimas de maus-tratos se associam às classificações limítrofe, 46,7% ($n=14$), e anormal, 53,3% ($n=16$), enquanto os não maltratados apontaram 100,0% ($n=60$) para classificação normal.

Os dados descritivos de média e desvio padrão foram calculados e convertidos em *score z*, para posteriormente utilização do teste ANOVA para comparar os grupos. Portanto, de acordo com os resultados da Tabela 1, observou-se que há uma diferença estatisticamente significativa entre as médias dos escores obtidos com base nas respostas das histórias do MSSB e na avaliação das representações de si (*self*) e do outro (apego). Escores mais elevados foram observados no grupo com presença de maus-tratos, enquanto comparados às não vítimas.

As representações de vínculo se referem às percepções das crianças a cerca dos seus pais e ou figuras cuidadoras. Os resultados mostram que as crianças não maltratadas apresentam índices mais positivos ($M=0,33$, $DP= 0,95$) se comparadas às maltratadas, que apresentam representações parentais mais negativas ($M=0,62$, $DP=1,16$). Já as representações de *self* são as percepções que as crianças têm sobre si mesmas diante da realidade em que vivem. Observa-se nos resultados desse estudo uma

diferença significativa entre os grupos, apontando que as maltratadas desenvolveram percepção mais negativa ($M= 0,29$, $DP=1,29$) sobre si, e as não maltratadas representações positivas ($M= 0,19$, $DP=1,04$).

Tabela 3

Média, desvio padrão e amplitude para avaliação das representações de self positivo e negativo, e representações de vínculo positivo e negativo por grupo

	Grupos				
	Maltratados (n=30)		Não maltratados (n=60)		p£
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
Self positivo	- 0,37*	0,80	0,19	1,04	0,01
Self negativo	0,29	1,29	- 0,15*	0,79	0,05
Vínculo positivo	- 0,66*	0,73	0,33	0,95	,00
Vínculo negativo	0,62	1,16	- 0,31*	0,74	,00

Nota. £ - Teste ANOVA

* Os escores negativos apresentados nessa tabela se referem aos índices de escore z calculados com base nas respostas das crianças ao instrumento MSSB. Portanto, um escore negativo indica que o dado apresenta-se muito abaixo da média.

A partir dos escores obtidos para representação de self e de vínculo, os modelos internos de funcionamento são classificados como positivos ou negativos. Portanto, infere-se, a partir dos resultados já apresentados, que crianças vítimas de maus-tratos apresentam modelos negativos, enquanto as não vítimas modelos positivos.

Discussão

O presente artigo objetivou comparar os modelos internos de funcionamento de crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos, considerando a identificação das representações de *self* e de apego em cada grupo. A amostragem dessa pesquisa foi compreendida por 90 (noventa) crianças com idades entre 6 (seis) e 10 (dez) anos divididas em dois grupos de investigação, 30 (trinta) delas acolhidas institucionalmente

por vivências de maus-tratos e com algum indicador clínico e 60 (sessenta) não maltratadas e sem diagnóstico clínico.

Com base no aspecto representacional da teoria do apego, as crianças, ao longo das suas experiências e interações com o ambiente, desenvolvem representações internas a cerca de si mesmas e do outro. Quando esse ambiente lhe oferta uma base segura, o vínculo com o outro e consigo se torna mais saudável e positivo, porém quando as vivências iniciais de uma criança são vulneráveis, as representações sofrem impacto e se desenvolvem de forma mais negativa (Pietromonaco & Barrett, 2000). Nesse sentido, foi possível identificar, na presente pesquisa, que as crianças maltratadas apresentam representações internas mais negativas quando comparadas às não maltratadas, de acordo com o desenvolvimento das histórias do MSSB.

No que se refere às representações de *self*, observa-se que as crianças do grupo escolar apresentam escores mais elevados, demonstrando representação de si como positivas, e as maltratadas escore negativo. Segundo Bowlby (1984b) a representação de si (*self*) é um importante elemento para a noção de quão aceito ou não a criança se vê, por ela mesma ou pelos outros. Indo além, a interpretação da criança sobre cada situação vivenciada, a partir dos seus modelos internos, é que determina aquilo que ela sente e expressa (Bowlby, 1984b).

Portanto, o resultado apresentado vai ao encontro do estudo comparativo entre crianças vítimas e não vítimas de Toth et al. (2000). O autor utilizou as histórias do MSSB com 56 (cinquenta e seis) crianças maltratadas e 37 (trinta e sete) não maltratadas, objetivando analisar as representações mentais e o impacto dos maus-tratos nos modelos internos de funcionamento. As crianças vítimas demonstraram representações de *self* ora negativas e ora grandiosas, bem como uma percepção não confiável do ambiente. Em outro estudo comparativo realizado em Portugal, Marques

(2006) identificou que as narrativas produzidas pelas crianças maltratadas, em comparação às não vítimas, continham histórias pobres, com representações desvalorizadas e uma representação de si mais desorganizada e negativa.

As representações de vínculo, bem como as de *self*, também são importantes para o desenvolvimento da criança, já que é a partir delas que a criança se permite explorar o ambiente, pois quanto mais respostas de segurança e de cuidado a criança receber maior a tendência de ela desenvolver um apego mais seguro e confiante nas figuras de cuidado, ou seja, representações mais positivas. Nessa pesquisa, foi possível identificar que as crianças maltratadas desenvolveram representações de vínculo negativas a partir das suas experiências parentais, se comparadas às não maltratadas, que apresentam características positivas do outro.

Corroborando com a pesquisa de Rebelo, Verissimo, Maló-Machado e Silva (2013), com base nas narrativas de 176 (cento e setenta e seis) crianças portuguesas em idade pré-escolar, as quais sugerem que as crianças com modelos internos seguros experienciam relações mais afetivas com seus cuidadores, nas quais é possível partilhar momentos de cuidado e proteção, permitindo que essas crianças apresentem um maior conhecimento emocional de si e do ambiente, ao contrário do que outro estudo português (Pinhel, Torres & Maia, 2009) apresenta ao investigar representações de vinculação em crianças acolhidas institucionalmente (n=19) e crianças em meio familiar (n=16). Os resultados indicaram correlações negativas entre a qualidade das representações de vínculo constituídas por cada grupo, sendo que as acolhidas retratam figuras mais hostis e menos responsivas, com temáticas narrativas marcadas por abandono, punição, negligência e conteúdos sexualizados.

Pietromonaco e Barret (2000) afirmam que crianças, que têm figuras de apego disponíveis, responsivas e de confiança, desenvolvem uma representação de *self* mais

aceitável e valorizado. Já aquelas que têm figuras inconsistentes ou insensíveis assumem um desenvolvimento de *self* mais inaceitável e sem valor. As representações dos outros se constituem com base nas expectativas sobre quem servirá como figura de apego à criança, como essas figuras serão acessadas e, principalmente, de que forma elas irão responder a tal necessidade (Pietromonaco & Barret, 2000, p. 156). Essas duas esferas representacionais constituirão os modelos internos de funcionamento de cada criança, positivos ou negativos, sendo a base para a compreensão dos processos de constituição das representações internas (Bowlby, 1969, Sherman et al., 2015).

Nesse estudo, é possível inferir que as crianças mais vulneráveis (maltratadas) em suas experiências iniciais desenvolveram modelos internos de funcionamento mais negativos, retratando, nas suas narrativas, personagens adultos e crianças de tal forma. Podemos refletir a partir disso a cerca do impacto que essas questões podem acarretar no desenvolvimento das crianças, posto que as imagens dos outros e de si mesmas é apresentada negativamente, pois a partir das representações constituídas pelas crianças um padrão de funcionamento internalizado e de interação se instaura (Dalbem & Dell’Aglia, 2005; Sherman et al., 2015).

A literatura pesquisada aponta que, quando o funcionamento interno das crianças se apresenta de forma falha e incapaz, há uma tendência maior a prejudicar nos próximos relacionamentos e na organização do *self* (Custódio & Cruz, 2008; Feeny, Cassidy & Ramos-Marcuse, 2008; Hawkins & Haskett, 2013), podendo influenciar também nas expectativas, sentimentos, pensamentos, ações e comportamentos. Esses aspectos corroboram com os resultados desse estudo, já que foi possível identificar falhas nas representações das crianças maltratadas, imagens negativas de si e do ambiente, narrativas com conteúdos agressivos, sentimentos morais e de desamparo. Portanto, torna-se fundamental compreender as representações mentais e o mundo

interno das crianças, principalmente as expostas a maus-tratos. Ademais, a utilização de instrumentos narrativos para o estudo dessas representações e o estabelecimento de evidências iniciais dos constructos investigados nessa pesquisa oferece à comunidade em geral um recurso importante de trabalho com esses grupos.

Considerações finais

Essa pesquisa objetivou comparar os modelos internos de funcionamento, as representações de apego e *self* de crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos. Com isso, pretendeu-se refletir, com base no entendimento da teoria do apego, a cerca dos conteúdos narrados pelas crianças sobre suas representações relacionais consigo e com o ambiente, permitindo-nos identificar diferenças significativas entre os grupos de crianças participantes, no que se refere à construção dos seus modelos representacionais, principalmente nas maltratadas.

Conclui-se, portanto, que as experiências de maus-tratos se apresentam na maior parte das nas narrativas infantis como representações da realidade vivida, ou seja, representações negativas. Inferimos, a partir disso, que um olhar direcionado sobre as crianças possibilitaria uma compreensão ainda maior sobre seu funcionamento interno. Nesse sentido, de acordo com Hawkins e Haskett (2013), a partir da forma como as crianças expõem seus modelos internos de funcionamento, abordagens terapêuticas e interventivas podem ser planejadas e direcionadas. Assim, crianças que apresentam modelos e representações internas negativas requerem maior investimento, pois tendem a reconhecer os outros como não confiáveis, o que pode gerar conflitos e tensões.

Narrativas infantis se configuram como um meio pelo qual a criança consegue expressar seus pensamentos, emoções e comportamentos, incluindo a maneira como vê a si mesma e os pais. Através das histórias, é possível se identificar e retratar suas

vivências e experiências (Emde, Wolf & Oppenheim). Com isso, o instrumento MSSB pode ser um recurso importante e que venha a auxiliar, tanto a comunidade científica como em geral, no planejamento de intervenções e abordagem nos casos de maus-tratos e psicopatologia, bem como avaliação das representações internas de crianças acolhidas institucionalmente.

Além disso, esse estudo interligou questões entre os maus-tratos, a identificação das representações nas narrativas infantis e o estabelecimento dos modelos internos de funcionamento, que podem servir como elementos interessantes de serem abordados em pesquisas nacionais futuras, principalmente nesses âmbitos. Dessa forma, é possível investigar a construção dos modelos internos de funcionamentos nos diferentes tipos de maus-tratos e seus impactos.

Salienta-se, ainda, bem como concluído anteriormente que, apesar de as crianças maltratadas terem apresentado representações mais negativas, elas estão acolhidas institucionalmente, ou seja, em ambientes mais seguros, que podem garantir a essas crianças novos padrões de interação e vinculação, podendo ser um importante fator para o estabelecimento de modelos internos mais positivos e integrados de si mesmos e com o ambiente em que estão vivendo.

Referências

Ainsworth, M. (1969). Object relations, dependency, and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.

Ainsworth, M. (1989). Attachment beyond the infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.

Bowlby, J. (1969). *Apego e perda: Apego – A natureza do vínculo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

- Bowlby, J. (1989). As origens do apego. In *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego* (p.33-47). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1979). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984a). *Apego e perda: separação: angústia e raiva*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984b). *Apego e perda: apego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759-775.
- Custódio, S., & Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das Figuras Parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405.
- Cyman, R. B. (2003). Portrayals in maltreated children's play narratives: representations or emotion regulation? In: Emde, R.; Wolf, D.; Oppenheim, D. (Edit.). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and Parent-child Narratives*. New York : Oxford University Press, 201-221.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Emde R., Wolf, D., & Oppenheim, D. (2003). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives*. New York: Oxford University Press.
- Feeny, B. C., Cassidy, J., & Ramos-Marcuse, F. (2008). The generalization of attachment representations to new social situations: Predicting behavior during initial interactions with strangers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 1481–1498.

- Fleitlich, B., Cortazar, P. G., & Goodman, R. (2000). Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Revista Infante (de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência)*, 8, 44-50.
- Franiek, M. L. C. F., Günter, M., & Page, T. (2014). Engaging Brazilian street children in play: observations of their family narratives. *Child Development Research*, 1-11.
- Grych, J. H., Wachmuth-Schlaefler, T., & Klockow, L. L. (2002). Interparental aggression and young children's representations of family relationships. *Journal of Family Psychology*, 16(3), 259-272.
- Hawkins, A. L., & Haskett, M. E. (2013). Internal working models and adjustment of physically abused children: the mediating role of self-regulatory abilities. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(2), 135-143.
- Machado, I. S. C. (2013). *Representações de família: um estudo comparativo entre crianças em contextos familiares de risco e em contextos familiares normativos*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Manashko, S., Besser, A., & Priel, B. (2009). Maltreated Children's Representations of Mother and an Additional Caregiver: A Longitudinal Study. *Journal of Personality*, 77(2), 561-599.
- Marques, R. T. (2006). *Crianças acolhidas em lar residencial: Representações de vinculação desenvolvimento, competências sociais e comportamento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa, Portugal.
- Mendes, T. C., & Sani, A. (2015). Representações de crianças expostas à violência interparental através de provas projetivas. *Revista de Psicologia da Criança e Adolescente*, 6(1), 171-192.

- Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to other? *Review of General Psychology, 4*(2), 155-175.
- Pinhel, J., Torres, N., & Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica, 4*(XXVII), 509-521.
- Pinto, A., Gatinho, A., Silva, F., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2013). Vinculação e modelo interno dinâmico do *self* em crianças em idade pré-escolar. *Psicologia, Saúde & Doenças, 14*(3), 515-528.
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Garotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria de apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia, 26*, 76-79.
- Popp, J. M., Robinson, J. L., Britner, P. A., Blank, T. O. (2014). Parent adaptation and family functioning in relation to narratives of children with chronic illness. *Journal of Pediatric Nursing, 29*, 58–64.
- Rebelo, A., Verissimo, M., Maló-Machado, P., & Silva, F. (2013). A segurança dos modelos internos e o conhecimento emocional nas crianças em idade pré-escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 26*(3), 591-598.
- Robinson, J. L., Mantz-Simmons, L., MacFie, J., Kelsay, K., & Homberg, J. (2007). *MacArthur Narrative Coding Manual*. MacArthur Narrative Working Group.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso.
- Sherman, L. J., Rice, K., & Cassidy, J. (2015). Infant capacities related to building internal working models of attachment figures: A theoretical and empirical review. *Developmental Review, 37*, 109-141.

- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3(26), 411-422.
- Sousa, M. L., & Cruz, O. (2010). As narrativas das crianças institucionalizadas: a experiência dos maus-tratos e a construção dos modelos representacionais. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Universidade do Minho, Portugal, 1600-1614.
- Stein, M. B., Siefert, C. J., Stewart, R. V., & Hilsenroth, M. J. (2010). Relationship between the social cognition and object relations scale (scors) and attachment style in a clinical sample. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 18, 512-523.
- Stronach, E. P., Toth, S. L., Rogosch, F., Oshiri, A., Manly, J. T., & Cicchetti, D. (2011). Child maltreatment, attachment security and internal representations of mother and mother-child relationships. *Child Maltreatment*, 16(2), 137-145.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., Maughan, A., VanMeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated preschoolers. *Attachment & Human Development*, 2(3), 271-305.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in the narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology*, 9, 781-796.
- Waldinger, R. J., Toth, S. L., & Gerber, A. (2001). Maltreatment and Internal Representations of Relationships: core relationships themes in the narratives of abuse and neglected preschoolers. *Social Development*, 10(1), 41-58.

Zanatta, D., & Benetti, S. P. C. (2012). Representação Mental e Mudança Terapêutica:

Uma Contribuição da Perspectiva Psicanalítica da Teoria das Relações Objetais.

Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28(1), 93-100.

Considerações Finais da Dissertação

Implicações e experiência da mestranda

A temática dessa dissertação de mestrado sempre me despertou curiosidade, e a escolha se baseou em inúmeros questionamentos derivados de duas significativas experiências: primeiramente, como bolsista de iniciação científica, ainda na graduação de psicologia, na qual tive acesso ao instrumento MSSB, e o interesse em aprofundar mais a compreensão da sua utilização das narrativas com crianças de diversos contextos e, posteriormente, no trabalho clínico com crianças vulneráveis vítimas de maus-tratos e acolhidas institucionalmente, oportunidade que encontrei para coletar os dados e investigar mais a fundo o mundo interno infantil.

Ao longo do meu trabalho clínico, questionava-me a cerca de qual impacto as vivências traumáticas produziam na realidade e no desenvolvimento das crianças, além de muito me perguntar sobre como intervir e como avaliar tais crianças. Na medida em que ia observando e supervisionando os casos, percebi que há ligação entre os modos de cuidados e proteção recebidos e o desenvolvimento emocional infantil, levando-me a querer investigar mais sobre o assunto.

O contato com o instrumento narrativo MSSB e o estudo acerca do que ele se propõe a investigar sanou-me algumas questões e me despertou interesse para a temática das representações mentais que as crianças constroem ao longo do seu ciclo vital. É importante salientar que tal instrumento apresentou-se como uma ferramenta útil e importante, relevante tanto ao meio científico e acadêmico quanto ao meio clínico e institucional, além da sua eficácia no estudo de diversas questões relacionadas à infância, aos conflitos e às representações. Nesse sentido, a elaboração desse trabalho me permitiu crescer e ampliar meus conhecimentos e questionamentos.

A pesquisa apresentada nessa dissertação pretendeu refletir não somente a questão da formação das representações das crianças, mas também evidenciar a necessidade de que este grupo de crianças vítimas de maus-tratos precisa de um olhar mais atento e particular as seus conflitos, sentimentos, dificuldades e limitações para poder compreender, assim, o que acontece no seu mundo interno. Portanto, acreditamos que esse estudo vem a auxiliar muito no contexto psicoterápico e de saúde pública, bem como no desenvolvimento de ações e técnicas interventivas e avaliativas mais amplas, voltadas às crianças acolhidas e em diversos âmbitos sociais. Infere-se, ainda, que mais estudos nacionais e internacionais sigam a ser desenvolvidos, buscando compreender mais essa e outras temáticas e os constructos nelas incluídos.

Referências da Dissertação

- Ainsworth, M. (1989). Attachment beyond the infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object Relations, Dependency, And Attachment: A Theoretical Review Of The Infant-Mother Relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise psicológica*, 27(1), 21-31.
- Bowlby, J. (1969). *Apego e perda: Apego – A natureza do vínculo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). As origens do apego. In *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego* (p.33-47). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1979). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984a). *Apego e perda: separação: angústia e raiva*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984b). *Apego e perda: apego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Develolmental Psychology*, 28(5), 759-775.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M. T.

- Buchsbaum, H. K., Toth, S. L., Clyman, R. B., Cicchetti, D., & Emde, R.N. (1992). The use of a narrative story stem technique with maltreated children: Implications for theory and practice. *Development and Psychopathology*, 4, 603–625.
- Cicchetti, D., & Rogosch, F. A. (2012). Gene x environment interaction and resilience: Effects of child maltreatment and serotonin, corticotrophin releasing hormone, dopamine, and oxytocin genes. *Dev. Psychopathol*, 2(24), 411-427.
- Custódio, S., & Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das Figuras Parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405.
- Cyman, R. B. (2003). Portrayals in maltreated children's play narratives: representations or emotion regulation? In Emde, R.; Wolf, D.; & Oppenheim, D. (Edit.). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and Parent-child Narratives*. (p.201-221). New York: Oxford University Press.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Emde R., Wolf, D., & Oppenheim, D. (2003). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives*. New York: Oxford University Press.
- Emde, R. N. (2003). Early narratives: A window to the child's inner world. In: Emde R., Wolf, D., & Oppenheim, D. (2003). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives* (p.03-16). New York: Oxford University Press.
- Feeny, B. C., Cassidy, J., & Ramos-Marcuse, F. (2008). The generalization of attachment representations to new social situations: Predicting behavior during initial

interactions with strangers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 1481–1498.

Fivush, R., Hazzard, A., Sales, J. M., Sarfati, D., & Brown, T. (2003). Creating coherence out of chaos: Children's narratives of stressful and positive events. *Journal of Applied Cognitive Psychology*, 17, 1-19.

Fleitlich, B., Cortazar, P. G., & Goodman, R. (2000). Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Revista Infante (de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência)*, 8, 44-50.

Franiek, M. L. C. F., Günter, M., & Page, T. (2014). Engaging Brazilian street children in play: observations of their family narratives. *Child Development Research*, 1-11.

Grych, J. H., Wachmuth-Schlaefer, T., Klockow, L. L. (2002). Interparental aggression and young children's representations of family relationships. *Journal of family psychology*, 16(3), 259-272.

Hawkins, A. L., & Haskett, M. E. (2013). Internal working models and adjustment of physically abused children: the mediating role of self-regulatory abilities. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55(2), 135-143.

Hodges, J., Steele, M., Hillman, S., & Henderson, K. (2003). Mental representations and defenses in severely maltreated children: a story stem battery and rating system for clinical assessment and research applications. In: Emde, R.; Wolf, D.; & Oppenheim, D. (Edit.). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and Parent-child Narratives* (p.240-267). New York : Oxford University Press.

Holmberg, J., Robinson, J., Corbitt-Price, J., Wiener, P. (2007). Using narratives to assess competencies and risks in young children: experiences with high risk and normal populations. *Infant mental health journal*, 28(6), 647-666.

- Langevin, R., Cossette, L., & Hebert, M. (2016). Emotion Regulation in Sexually Abused Preschoolers. *Child Psychiatry & Human Development*, 47, 1-12.
- Macfie, J., Strimpfel, J. M. (2014). Parenting and the Development of Borderline Personality Disorder. In: Sharp, C. et al. (Eds.). *Handbook of Borderline Personality Disorder in Children and Adolescents*(p. 277-291). ISBN 978-1-4939-0591-1, XXI. London: Springer International Publishing.
- Macfie, J., Cicchetti, D., & Toth, S. L. (2001). The development of dissociation in maltreated preschool-aged children. *Development and Psychopathology*, 13, 233–254.
- Machado, I. S. C. (2013). *Representações de família: um estudo comparativo entre crianças em contextos familiares de risco e em contextos familiares normativos*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Manashko, S., Besser, A., & Priel, B.(2009). Maltreated Children's Representations of Mother and an Additional Caregiver: A Longitudinal Study. *Journal of Personality*, 77(2), 561-599.
- Marques, R. T. (2006). *Crianças acolhidas em lar residencial: Representações de vinculação desenvolvimento, competências sociais e comportamento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Lisboa, Portugal.
- Mendes, T. C., & Sani, A. (2015). Representações de crianças expostas à violência interparental através de provas projetivas. *Revista de Psicologia da Criança e Adolescente*, 6(1), 171-192.
- Mesquita, P. C., & Benetti, S. P. C. (2014). A representação materna de crianças com mães depressivas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 53-67.

- Müller, E., Perren, S., & Wustmann, S. C. (2014). Coherence and content of conflict-based narratives: Associations to family risk and maladjustment. *Journal of Family Psychology, 28*(5), 707-717. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0037845>
- Oppenheim, R. Emde, R. N., & Warren, S. (1997). Children's Narrative representation of mothers: their development and associations with child and mother adaption. *Child Development, 68*(1), 127-138.
- Page, T., & Bretherton, I. (2003). Gender differences in stories of violence and caring by preschool children in post-divorce families: Implications for social competence. *Child and Adolescent Social Work Journal, 20*, 485-508.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to other? *Review of General Psychology, 4*(2), 155-175.
- Pinhel, J., Torres, N., & Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica, 4*(XXVII), 509-521.
- Pinto, A., Gatinho, A., Silva, F., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2013). Vinculação e modelo interno dinâmico do *self* em crianças em idade pré-escolar. *Psicologia, Saúde & Doenças, 14*(3), 515-528.
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Garotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria de apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia, 26*, 76-79.

- Popp, J. M., Robinson, J. L., Britner, P. A., Blank, T. O. (2014). Parent Adaptation and Family Functioning in Relation to Narratives of Children With Chronic Illness. *Journal of Pediatric Nursing, 29*, 58–64.
- Priel, B., Besser, A., Waniel, A., Yonas-Segal, M., & Kuperminc, G. (2007). Interpersonal and intrapersonal processes in the formation of maternal representations in middle childhood: review. New findings and future directions. *Israel Journal Psychiatry & Related Sciences, 44*(4), 255-265.
- Rebelo, A., Verissimo, M., Maló-Machado, P., & Silva, F. (2013). A segurança dos modelos internos e o conhecimento emocional nas crianças em idade pré-escolar. *Psicologia: Reflexao e Crítica, 26*(3), 591-598.
- Robinson, J. L., Mantz-Simmons, L., MacFie, J., Kelsay, K., & Homberg, J. (2007). *MacArthur Narrative Coding Manual*. MacArthur Narrative Working Group.
- Ryff, C. D., & Keyes, C. L. (1995). The Structure of Psychological Well-Being Revisited. *Journal of Personality and Social Psychology, 69*(4), 719-727.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso.
- Sherman, L. J., Rice, K., & Cassidy, J. (2015). Infant capacities related to building internal working models of attachment figures: A theoretical and empirical review. *Developmental Review, 37*, 109-141.
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica, 3*(26), 411-422.
- Sousa, M. L., & Cruz, O. (2010). As narrativas das crianças institucionalizadas: a experiência dos maus-tratos e a construção dos modelos representacionais. *Actas do*

VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal, 1600-1614.

- Stein, M. B., Siefert, C. J., Stewart, R. V., & Hilsenroth, M. J. (2010). Relationship between the Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS) and Attachment Style in a Clinical Sample. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, *18*, 512–523.
- Stronach, E. P., Toth, S. L., Rogosch, F., Oshiri, A., Manly, J. T., Cicchetti, D. (2011). Child maltreatment, attachment security and internal representations of mother and mother-child relationships. *Child Maltreatment*, *16*(2), 137-145.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., Maughan, A., VanMeenen, K. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development*, *2*(3), 271–305.
- Toth, S. L., Cicchetti, D., Macfie, J., & Emde, R. N. (1997). Representations of self and other in the narratives of neglected, physically abused, and sexually abused preschoolers. *Development and Psychopathology*, *9*, 781-796.
- Venturini, F. P., Bazon, M. R., & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2004). Família e Violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *1*, 20-33.
- Waldinger, R. J., Toth, S. L., & Gerber, A. (2001). Maltreatment and Internal Representations of Relationships: core relationships themes in the narratives of abuse and neglected preschoolers. *Social Development*, *10*(1), 41-58.
- Yoo, Y. S., Popp, J., & Robinson, J. (2013). Maternal Distress Influences Young Children's Family Representations Through Maternal View of Child Behavior and Parent-Child Interactions. *Child Psychiatry & Human Development*, 1-13.

Zanatta, D., & Benetti, S. P. da C. (2012). Representação Mental e Mudança Terapêutica: Uma Contribuição da Perspectiva Psicanalítica da Teoria das Relações Objetais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 93-100.

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão março/2008

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RESOLUÇÃO 170/2013

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 13/159 **Versão do Projeto:** 13/12/2013 **Versão do TCLE:** 13/12/2013

Coordenadora:

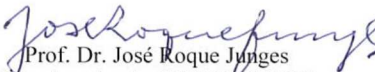
Profª. Sílvia Pereira da Cruz Benetti (PPG em Psicologia)

Título: A representação parental de crianças em idade escolar.

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 466/12, item XI.2, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 13 de dezembro de 2013.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

Apêndice B – Narrativas do *MacArthur Stem Story Battery* (MSSB)

História Introdutória: O aniversário de Jorge e Suzana

Tema: introdução, modelando as narrações com as figuras da família.

Você sabe, é aniversário de Susana e Jorge. A mãe deles fez este lindo bolo para o aniversário. (Traga o bolo). É hora da festa.

Mãe: Venham todos, Vó, João, Jorge, Suzana. É hora de comemorar o aniversário da Suzana e do Jorge.

Você pode ver a família pronta na mesa?

O que acontece agora?

História 1: Suco derramado

Tema: resposta parental do acidente (afeto e autoridade)

A família está sentada ao redor da mesa tomando suco. Jorge ainda tem muita sede e quer mais suco, mas quando ele tenta pegar seu copo...ah não, o suco cai no chão!

História 2: Procurando Bobi

Tema: perda e reunião (afeto)

Parte 1: Perda do cachorro

Jorge passou todo o dia esperando para brincar com seu cachorrinho Bobi, Quando chegou em casa, perguntou para sua mãe:

Filho: “Posso ir para o pátio brincar com o Bobi?”.

Mãe: “Claro”.

Filho: “Jorge vai para o pátio, mas Bobi não está... (fugiu)”.

Parte 2: Reunião sobre a perda do cachorro

Olha quem está de volta...

Conte o que acontece agora

História 3: A mãe com dor de cabeça

Tema: dilema sobre a empatia com a mãe versus a lealdade ao amigo (dilema moral)

A mamãe e Jorge estão assistindo TV.

Mamãe: “Jorge, estou com um pouco de dor de cabeça, quero desligar a TV e deitar.

Poderia fazer algo tranquilo por uns momentos?”.

Filho: “Claro mamãe, vou ler uma história”.

O melhor amigo de Jorge chega.

Amigo: “Jorge, tem um programa legal na TV, posso entrar e ver contigo?”.

História 4: Presente para mamãe e papai

Tema: Preferência por um dos pais (edípico)

Suzana trabalhou muito na escola hoje. Você sabe o que ela fez? Ela fez um lindo desenho.

Suzana e Jorge estão indo para casa depois da escola, caminhando com a mãe e o pai.

Suzana: “Olha o desenho que fiz na escola hoje?”.

O que o pai e a mãe disseram?

Para quem Suzana deu o desenho? Para a mãe ou para o pai?

História 5: Três são muitos: o conto

Tema: dilema de lealdade ao amigo versus empatia com o irmão (conflito de pares)

A irmã de Jorge está sentada na perna de seu pai, enquanto ele lê uma história. Jorge chega e pede para que seu pai também lhe conte uma história.

Pai: “Jorge, espera um momento para que acabe a da sua irmã”.

História 6: Molho quente

Tema: desobediência, empatia parental versus autoridade (afeto e autoridade)

Mãe: “Estou fazendo algo para o jantar, mas ainda não está pronto. Não chegue muito perto do fogão”.

Filho: “Hmmm, parece muito gostoso, não quero esperar. Gostaria de comer algo agora.” (O menino segura e derrama toda a panela).

Filho: “Ai! Queimei o dedo, preciso de um curativo!”.

História 7: Chaves perdidas

Tema: conflito parental (conflito familiar)

Mãe (braba com o pai): “Tu perdeu minhas chaves!”.

Pai (diz para a mãe): “NÃO!”.

Mãe: “Sim, tu sempre perde as minhas chaves!”.

Pai: “Não perdi desta vez!”.

História 8: Roubando a loja de doces

Tema: transgressão, ser pego, vergonha (moral)

Aqui está a prateleira da loja e você sabe o que tem nela? Doces!

Jorge: “Doces! Posso comer algum?”.

Mãe: “Não, você já comeu um hoje, vamos para casa”.

Jorge pega um do mesmo jeito.

Guarda da loja: “Ei, o que você está fazendo?”.

História 9: A despedida

Tema: separação dos pais (afeto)

Mamãe e papai vão viajar. O carro está estacionado na frente de casa.

Mãe: “Crianças, papai e eu vamos viajar agora. Nos vemos amanhã. A vovó ficará com vocês”.

Parte 2: A reunião

Tema: Apego (afeto)

É o dia seguinte e a vovó olha pela janela.

Vovó: “Olhem crianças, acho que mamãe e papai voltaram da viagem. Acho que vejo seu carro”.

História 10: A estante do banheiro

Tema: dilema sobre obediência a mãe versus empatia com o irmão (dilema moral)

Um homem foi consertar a estante do banheiro. Esta é a estante onde a mamãe guarda todos os curativos. Jorge e seu irmão estão brincando. Mamãe entra.

Mãe: “Crianças, preciso ir ao vizinho pegar algumas coisas, mas volto logo. Não toquem em nada na estante do banheiro. Certo?”.

Jorge: “Certo!”.

Irmã: “Tá bom, mãe!”.

Jorge e a irmã continuam brincando.

Irmã: “Ai, cortei meu dedo, preciso de um band-aid!”.

Jorge: “Ok...ah não, mas a mamãe disse pra não tocar em nada na estante do banheiro!”.

Irmã: “Mas meu dedo está sangrando!”.

Parte 2: A volta da mãe

Mãe: “Oi crianças, estou de volta”.

Mostre e diga o que acontece agora

(Se a criança não disser a mãe sobre o dedo cortado)

Mãe: O que é isso no seu dedo?

História 11: Excursão ao parque

Tema: domínio/orgulho (domínio e afeto)

Hoje a família vai para o parque todos juntos.

Jorge: “Olhem, estão vendo aquela pedra alta, eu vou escalar até o topo”.

Mãe: “É mesmo, tenha muito cuidado”.

História 12: Exclusão

Tema: exclusão do relacionamento parental (tema edipiano)

Mamãe e papai estão sentados na sala conversando.

Pai: “Sua mãe e eu gostaríamos de um momento a sós. Poderiam ir para o seu quarto brincar com seus brinquedos? Por favor, fechem a porta para ficarmos tranquilos”.

História 13: O pote de biscoitos

Tema: conflito entre lealdade aos pais e lealdade ao irmão (dilema moral)

Jorge está na cozinha. Suzana vê o pote de biscoitos e pega um biscoito.

Jorge: “A mamãe disse para não pegar biscoitos”.

Suzana: “Por favor, não conte para o papai e para a mamãe sobre isso”.

O pai e a mãe vêm vindo. O que acontece agora?

História final: Diversão em Família

Tema: diversão familiar

A família toda está em casa.

Mãe: “Hoje é nosso dia de folga, vamos fazer alguma coisa juntos!”.

Pai: “Sim, vamos fazer alguma coisa que seja divertido para toda família”.

Mãe/Pai: “Crianças, o que vocês gostariam de fazer hoje?”.

Apêndice C – Tabela de Codificação do *MacArthur Stem Story Battery* (MSSB)

MacArthur Narrative Coding Manual			
Subescalas	Escalas		Codificação
Conteúdo dos Temas	Conflito interpessoal	Competição (CM) Rivalidade/Ciúme (R/J) Exclusão dos outros (EX-O) Recusa ativa de empatia/Ajuda (REH-A)	1-2
		Conflito Verbal (VC) Resolução de conflito (CR) Complacência (CP) Nenhuma complacência (NC)	1-2
		Vergonha (SM) Censura (BLM) Provocando/ Insultando (T/T)	1-2
	Relação Empática	Partilha /Dividindo (SH) Empatia/Ajuda/Confiança (E/H) Afiliação/Associação (AFL)	1-2 1-2 1-2
		Afeto (AFF) Reparação/Culpa (RG)	1-2 1-2
		Agressão desregulada	Agressão (AGG) Agravamento do conflito interpessoal (ESC) Dano/Ofensa pessoal (PI) Respostas atípicas (AR) Atividade/Agressão Sexualizada (SEX)
Temas Morais	Desonestidade (DSH) Punição/ Disciplina/Maturidade (PD) Educação/Polidez (POL)	1-2	
Códigos Emocionais das Narrativas	Tema de perigo (DAN)		0 a 3
	Segurança (SAF)		
	Destruição dos objetos (DES)		1-2
	Poder da Criança (POW)		0-1-2
	Reação de separação (SEP)		0-1-2
	Esperança		
	Incoerência Emocional Positiva (INCPO)		
	Incoerência Emocional Negativa (INCNEG)		
	Primeira Reação (FIR)		
	Conteúdo Final (FIN)		0-1-2
Representações parentais	Positiva (POS)	Protetor Afetuoso Cuidador Ajuda	

	Negativa (NEG)	Punitivas Rejeição Ineficaz	
	Disciplina/Controle (D/C)		
	Triangulação (TTR)		1-2
Códigos de Atuação / Emoção	Controle (CTR)		0-1
	Alegria		0-1-2
	Raiva		0-1-2
	Angústia		0-1-2
	Interesse		0-1-2
	Tristeza		
	Comportamento ansioso		0-1-2
	Reflexão		1-2
	Criatividade/Imaginação		
	Estilo de atuação direta VS. indireta		0-1-2
	Papel dos pais		0 a 4
	Coerência narrativa		0 a 10
	Responsividade da criança com o examinador		1-2-3
	Pedido para parar		
	Estratégias de Esquiva	Exclusão de si mesmo (EX-S)	
Repetição (REP)			1-2-3
Negação (DNL)			0-1-2
Recusa de empatia/ ajuda passiva (REH-P)			
Sono repentino (SSO)			
Brincar fora do assunto			1 -2
Ruptura familiar			
Corrigindo/Revisando			
Objetivos Bloqueados			
Códigos de Dissociação	Material Traumático Invasivo (ITM)		
	Propensão à fantasia (FP)		
	Distração (SO)		
	Absorção (ABC)		
	Fuga do assunto doloroso (FSP)		
	Identificação com o agressor (IWA)		

Apêndice E – Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ – Versão pais-professores)

Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-For)

Instruções: Por favor, em cada item marque com uma cruz o quadrado que melhor descreva a criança. Responda a todas as perguntas da melhor maneira possível, mesmo que você não tenha certeza absoluta ou se a pergunta lhe parecer estranha. Dê suas respostas com base no comportamento da criança nos últimos seis meses ou durante o ano escolar em curso.

Nome da Criança Masculino/Feminino

Data de Nascimento

	Falso	Mais ou menos verdadeiro	Verdadeiro
Tem consideração pelos sentimentos de outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não consegue parar sentado quando tem que fazer a lição ou comer; mexe-se muito, esbarrando em coisas, derrubando coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Muitas vezes se queixa de dor de cabeça, dor de barriga ou enjôo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem boa vontade em compartilhar doces, brinquedos, lápis ... com outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequentemente tem acessos de raiva ou crises de birra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É solitário, prefere brincar sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Geralmente é obediente e faz normalmente o que os adultos lhe pedem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem muitas preocupações, muitas vezes parece preocupado com tudo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenta ser atencioso se alguém parece magoado, aflito ou se sentindo mal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Está sempre agitado, balançando as pernas ou mexendo as mãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem pelo menos um bom amigo ou amiga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequentemente briga com outras crianças ou as amedronta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequentemente parece triste, desanimado ou choroso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral, é querido por outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Facilmente perde a concentração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fica inseguro quando tem que fazer alguma coisa pela primeira vez, facilmente perde a confiança em si mesmo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É gentil com crianças mais novas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequentemente engana ou mente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras crianças 'pegam no pé' ou atormentam-no	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequentemente se oferece para ajudar outras pessoas (pais, professores, outras crianças)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pensa nas coisas antes de fazê-las	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Rouba coisas de casa, da escola ou de outros lugares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se dá melhor com adultos do que com outras crianças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem muitos medos, assusta-se facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Completa as tarefas que começa, tem boa concentração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Nome completo (em letra de forma) Data

Mãe/pai/professor/outro (especifique):

Muito obrigado pela sua colaboração